

Questão de sobrevivência

5,5 - 2

A efemeridade, as diferentes classes sociais e as épocas passadas são fatores responsáveis por essa era da imagética. Os indivíduos constroem imagens irreais para diversas situações, a fim de conseguirem fugir da realidade e enxergar o mundo com os próprios olhos, de forma a torná-lo encantador e perfeito.

Com o tempo se o tempo ficou menos rígido e as situações menos efêmeras. Tudo acontece de forma muito breve, confirmando a teoria do sociólogo Zygmunt Bauman cujo cerne é a liquidez da vida e a fluidez dos momentos. Devido a essa brevidade, motivo de desespere para os seres humanos, as pessoas buscam, cada vez mais, criar imagens baseadas no "carpe diem", afirmando haver muito de aproveitar as situações, mesmo que elas sejam fugazes.

De forma análoga, outro fator é responsável pela necessidade de criar símbolos e imagens que amenizem as imperfeições do mundo: a desigualdade social. Pessoas menos favorecidas criam situações irreais para suprir as próprias necessidades e alcançar o equilíbrio, conhecido na literatura como "aurea mediocritas", já que ^{isso} não é possível de acontecer na realidade.

Faz-se a impressão de que cada indivíduo possui uma janela e cada janela é voltada para um mundo diferente. Pessoas de diferentes idades enxergam as situações de formas distintas, de acordo com a própria os valores da própria época e criam ^{imagens idealizadas} críticas, ^{ideologias} as próprias imagens criadas para poderem sobreviver em épocas tão diferentes das que vivem.

Diante de tantos problemas, diferenças e situações difíceis, é necessário ~~imaginar~~ e criar imagens irreais para sobreviver. Seria impossível perceber a fluidez da vida e não procurar meios de amenizá-la, perceber a riqueza excessiva de uns e passar necessidade sem criar situações que minimizem o sofrimento e seria impossível enxergar com os mesmos olhos épocas tão diferentes. A imagética é fundamental para criar um mundo melhor, mesmo que seja na imaginação.

A realidade por imagens

passar, fatos, acontecimentos e instituições. A imagem é um dos meios mais poderosos de dizer e incommunicável dos mais variados temas. Ou, como simplificado-se no adágio popular, "uma imagem vale mais do que mil palavras". Esta poderosa ferramenta desempenha, na civilização atual, um papel insubstituível: é de despertar os indivíduos da sociedade às situações lamentáveis com que convivemos muitas vezes indiferentemente.

O mundo de hoje está repleto de Tio Patinho e Donalds. De um lado, os primários, "homens poderosos" consoladores da massa. Eles realizam todo tipo de ação, desde a venda de produtos simples até a execução de ~~estimulantes~~ atos criminosos a fim de maximizar seus lucros. De outro, os Donalds, homens que aceitam as impropriedades ações de Tio e agem da mesma forma, em nome do lucro, da fama, do poder. A maior parte dos demais indivíduos assiste a esta realidade indiferentes, à medida que a mente capitalista se infiltra em toda a sociedade. Esta visão acarreta a alienação das pessoas, que passam a ver a inversão de valores como normal e inescusável, por meio da ansiedade, estimuladora da competição, e das empresas, que dão o aval à trapalhosa como meio de sobrevivência. Assim, os indivíduos vivem num mundo imoral sem sequer perceber.

Se relacionar-se diretamente com a realidade faz com que se tornem indiferentes com a realidade, as imagens alcançam os homens com maior poder: conscientização e instigação e desejo de transformação das situações nada aceitáveis. O símbolo imagético permite a percepção da realidade de maneira com a qual convivemos na medida em que conduz à reflexão interior, e os artes são exemplos em por exemplos. Magritte, em sua obra "Os Artistas", retrata dois indivíduos marcados de bayardo; um não centra o resto do corpo, pois o que prevalece é a massificação, o uso de máscaras. Assim, James e o amor Andy Warhol, por sua vez, faz uma denúncia de se tratar Marilyn Monroe numa fotografia. A princípio, tem-se a impressão de um mais retrato, porém, com uma análise profunda, revela-se a futilidade da sociedade capitalista e a busca por coisas temporárias como a fama e o poder. Essas imagens escandalizam e causam horror a aqueles que a veem, pois rompem a segurança e instauram cruelmente a situação presente. A partir do horror causado, passam a exigir mudanças na realidade vigente.

percebe-se, portanto, que as imagens comunicam e que a convivência com a realidade cega. Elas — acordam para a falta de sentimentos e de valores presentes e incitam o desejo de transformar situações lamentáveis. Instigam, enfim, a volta dos sentimentos éticos e, principalmente, humanos.

Sem limites

Não há limites para o imaginário humano. Mesmo em condições adversas, o homem é capaz de criar representações da realidade, seja com a intenção de mudar uma situação vigente, seja para sair da rotina monótona do cotidiano ou fugir de uma realidade hostil à vida. Essas imagens exercem um importante papel na alma humana, ao quais vão muito além da conotação recreativa, elas fomentam a esperança e em alguns casos, podem determinar a sobrevivência de um indivíduo.

No filme "A vida é bela", cujo contexto é o da Segunda Guerra Mundial, um homem, prisioneiro em um campo de concentração, tece uma gama de imagens positivas e divertidas para que seu filho, uma criança, pense estar em meio a uma brincadeira. Nesse caso, a fuga da realidade por meio da inventividade humana, significou o alívio do indivíduo, mas isso lhe garantiu a sobrevivência, pois o garoto resistiu até o fim para que possa receber sua recompensa.

Em "O naufrágio", o personagem interpretado por Tom Hanks, imaginou uma ilha fantaseada, dotada de pensamento, a qual foi dada o nome de "Wilson". Essa criação do naufrágio evitou que a solidão o levasse à loucura e ao suicídio, até ser resgatado. Ambos os exemplos dados ~~denotam~~ são substituições da realidade por imagens visando o "eu", assim como ocorre na sociedade atual, em que o individualismo cresce, a competição acirra-se e cria-se uma realidade hostil, a fuga torna-se uma questão de sobrevivência.

~~Mar~~ Luther King ao proferir a frase "I have a dream" referia-se à imagem criada por ele de um mundo melhor, em que o convívio entre brancos e negros fosse pacífico. A realidade, entretanto, era marcada por um verdadeiro apartheid, ataques de organizações como a Ku Klux Klan, numa espécie de "caça às bruxas". Após King, muitas da intolerância diminuiu. A imagem criada por um homem salvou o coletivo.

Desse modo, ~~em~~ nem somente para fugir da realidade servem as imagens. Elas exercem papel fundamental na transformação do mundo, o qual de hostil pode tornar-se melhor, como o conseguido por King:

O SIMBOLISMO MAIS APOCÍLIPICO e MENOS DIONÍSICO
EXTREMAMENTE VALIOSA PARA O CRESCIMENTO e ACEITAÇÃO DE UM PEN-
SAMENTO, A BOA IMAGEM FOI INSTRUMENTO LARGAMENTE UTILIZADO DURANTE A
HISTÓRIA PARA O SOERGIMENTO de INSTITUIÇÕES. NO ENTANTO, O QUE PECEDE-
SE É QUE GRANDE PARTE DESTES RETRATOS NÃO CONDIZEM COM AS VERDADEIRAS
AMBIGÜES, SENDO APENAS UTILIZADOS PARA A MANIPULAÇÃO DE MASSAS.

INSTITUIÇÕES ANTIGAS COMO A IGREJA, CONTROLARAM AS CONDIÇÕES BAIXAS
POL QUE SE UM MILÊNIO SOB EFEITO DE SUA IMAGEM. ENCONTROS POR UM DISCURSO DE
PODIFISMO e SOLVAÇÃO ETERNA, A IGREJA CULTUAVA A IMAGEM DE DEUS COMO UM
SEVERO RUIDOR. MUNIDOS DESTA PSICOLOGIA, IMBIA ASSIM QUALQUER TIPO DE
PENSAMENTO CONTRÁRIO À SUA DOUTRINA, EVITANDO A AGITAÇÃO SEVIL e A
DEPOSIÇÃO DE SEU PODER. DESTA FORMA, APODELU-SE DE TEMAS ITALIANAS, POLITUE-
SAS (...), E AGIU DE MANEIRA CONTRADITÓRIA COM AS EXPEDIÇÕES DOS CRUZADOS, QUE
MATARAM INÚMEROS INOCENTES. APÓS MUITOS ANOS DE CONFORMISMO, VIERAM A
SER QUESTIONADOS APENAS NO SÉCULO XV, O QUE RESULTOU EM MUDANÇAS DO
SEU DISCURSO ATÉ O DISCURSO ATUAL.

ATINDA MAIS MANIPULADOS QUE ANTIGAMENTE, NOSE EM UM MUNDO CAPITALIS-
TA FRENÉTICO PELA "MAIS-VALIA", AS INSTITUIÇÕES CONSTRUEM IMAGENS FALSAS PARA
OBTENEM MAIOR PRESTÍGIO GLOBAL. REGIDOS PELA NOVA POLÍTICA AMBIENTADISTA, GRANDES
CORPORAÇÕES ATIVAS PENDURAM-SE EM DISCURSOS DE OBJETOS SUSTENTÁVEIS PORÉM
CONTINUAM EXORVANDO MACIÇAMENTE AS MANEIRAS DE FLORESTAS EQUATORIAIS COMO NO
BRASIL e CONGO, DIENDO-SE INCAPAZES DE REDUZIR A EMISSÃO DE GASES ESTUFA COMO
O METANO e GÁS CARBÔNICO DEVIDO AO CRESCIMENTO ECONÔMICO. ATINDA, NO ÂMBITO DA
DESIGUALDADE SOCIAL, ORGÃOS COMO OS NAÇÕES UNIDAS (ONU) DECLARAM-SE À FAVOR
DA COOPERAÇÃO NO CONTINENTE AFRICANO QUE VIVE GUERRAS e FOUE NOS ADSTÊM-SE
DO FORTO DE MULTINACIONAIS COMO A "SHELL" EXPLODIREM e INCITAREM GUERRAS POR
RECURSOS COMO O PETRÓLEO e A PROSPECÇÃO DE DIAMANTE.

PORTANTO, VIVE-SE ASSIM UM MUNDO DE IMAGENS e FINGIMENTO.

UM MUNDO NO QUAL AS INSTITUIÇÕES FINGEM QUE COLABRAM PARA UMA MELHORA
DE VIDAS e OS PESSOAS FINGEM QUE ACREDITAM NA MELHORA PELA SIMPLÉS IMAGEM
PROPOSTA, PREFIRINDO ASSIM A INÉLZIA, ESPERANDO QUE ALGUM DIA APAREÇA
MAIS UM MICOLAU COPÉRNICO OU GALILEU PARA TERMINAR COM ESSA SIMBOLÓGIA
VERDA QUE SEQUE O HUMANDO.

E assim caminha a humanidade

A imagem acompanha o ser humano ao longo de toda a sua história, servindo-lhe como ferramenta de significação e entendimento do mundo. A imagem cria sentido, confere juízo de valor, reúne predicados, conta histórias. Antes mesmo do surgimento da escrita, ou seja, da fundação da história como foi estabelecida pelos pensadores do século XVIII, o homem gravava na pedra seus feitos, em desenhos primitivos, imagens que perpetuaram sua existência e deixaram seu legado para as gerações futuras.

Essa imagem, concreta, percorreu o caminho entre o imaginário desse homem até a sua materialidade. Apenas nós, seres humanos, somos dotados de imaginação e, portanto, capazes de nos expressarmos pela construção de imagens. Da nossa mente inventiva, as levamos para o desenho, para a pintura, para a arquitetura, a literatura, o cinema, a propaganda, para a vida. A imagem está presente em todo o lugar, na construção do mundo.

A partir disso, nos sofisticamos, utilizando nessa capacidade de construir imagens para legitimar o poder. Ao longo da história, grande parte das instituições - serão, todas - se valeram da criação de ícones para os mais diversos fins. Os arcos do triunfo romanos eternizavam os feitos dos imperadores e a Igreja católica ergueu templos, cujas torres almejavam alcançar o céu.

Da arquitetura para os objetos do dia a dia, as imagens disseminaram o poder de influência dessas instituições. Do arcaico ao símbolo do McDonald's, da sinática nazista à pequena maçã da corporação Apple. Essas imagens estão carregadas de sentido. Ao olharmos para elas, uma imensa cadeia de conexões é ativada. Até mesmo uma ciência, a semiótica, foi criada para estudar esses processos.

Talvez o século XX tenha sido o que mais evidenciou o poder da imagem. Os meios de comunicação de massa serviam a interesses de grupos autoritários. O nazismo lançou mão de todo um aparato de propaganda para insulpear a população e difundir suas ideias. Assim o fizeram tantos outros, como os EUA por meio de Disney, Hollywood e do "The American way of life". Assim o fazem as grandes corporações contemporâneas, elegendo e difundindo ícones e símbolos para gravar suas marcas em nossas cabeças. E assim, de imagem a imagem, caminha a humanidade.

O ESPETÁCULO DO ESTADO

Vivemos EM UM MUNDO EM QUE AS RELAÇÕES SOCIAIS PASSAM A SER MEDIADAS QUASE COMPLETAMENTE POR IMAGENS. ESSE CONTEXTO, CARACTERIZADO EM 1968 POR GUY DEBOARD COMO "SOCIEDADE DO ESPETÁCULO", NOS FAZ REFLETIR COMO AS INSTITUIÇÕES ATUAIS JÁ NÃO PRECISAM "SER" E MUITO MENOS NEM MESMO "TER", MAS SOMENTE "PARECER".

VEJAMOS O ESTADO, ISSO É, O CONJUNTO DAS INSTITUIÇÕES QUE EXERCEM PODER POLÍTICO LEGITIMADO. A POPULAÇÃO SÓ SE RELACIONA COM ELE ATRAVÉS DE IMAGENS. NÃO PODEMOS SABER MUITO MAIS DO QUE É APRESENTADO NA TV E A SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA PARA NÓS NUNCA PASSA MUITO DE BANDEIRAS, OBRAS, E FIGURAS POLÍTICAS. NÃO EXISTE PARTICIPAÇÃO NO ESTADO, FAZENDO COM QUE NÃO HAJA UMA REALIDADE SUBSTITUÍDA POR IMAGENS MAS PURAMENTE IMAGENS. DESSA FORMA, A POLÍTICA PASSA A SER CONJUNTAMENTE COM A HISTÓRIA UM ESPETÁCULO ASSISTIDO.

A ÚNICA FORMA DE PARTICIPAÇÃO POPULAR SÃO AS ELEIÇÕES, EM QUE APENAS SE ESCOLHE QUEM IÁ COMANDAR. E ISSO É FEITO EXCLUSIVAMENTE POR IMAGENS, PELAS PROPAGANDAS POLÍTICAS. NÃO CONHECEMOS REALMENTE OS CANDIDATOS E CADA VEZ HÁ MENOS DISCUSSÕES SOBRE PROBLEMAS POLÍTICOS E CADA UM DEFENDE. VOTA NOS APENAS EM UMA IMAGEM CRIADA POR MARQUETIZADORES QUE SE APRESENTAM COMO BEM UNIVERSAL.

DESSA FORMA, O ESTADO SE APRESENTA APENAS COMO UM CONJUNTO DE IMAGENS EXTERNAS, A QUEM SÓ NOS CABE ASSISTIR. ESSA FALTA DE PARTICIPAÇÃO É IDÊNTICA A UMA PEQUENA POSSIBILIDADE DE LIBERDADE POLÍTICA, E CRIA UMA LEGITIMIDADE ABSURDA PARA O ESTADO. O INDIVÍDUO POUCO OU NADA PODE, SÓ LHE ESTÁ ASSISTIR, E FICAR CONTENTE OBSERVANDO UMA BOA IMAGEM (CRIADA EXTERNAMENTE).

Real ideal, formado e transformado.

O cérebro humano, dentre entre suas tantas complexidades, possui a característica de agrupar as inúmeras e variadas informações que recebe. Com esses grupos de informações armazenadas, nossa mente concebe "imagens" que compõem nossa realidade. Dessa forma, ao ver um líquido, incolor, inodoro e com gosto característico ao da água, nossas conexões neurais nos transmitem a ideia (a "imagem") de que o líquido em questão é água. Assim formamos diferentes imagens (de situações, ~~per~~ animais, objetos, pessoas) que regem nossa interação com o mundo. Mas dentre todas, destaca-se as que formamos sobre pessoas.

Nesse sentido, é mais complexa e intensa tal atividade na formação de símbolos humanos. Primeiro porque a condição básica para dizer-nos "pensantes" é o fato de podermos pensar sobre a nossa existência, o que sugere trazer à luz a imagem de eu, principiando a todas as outras formadas posteriormente, dando-nos a primeira noção de identidade individual.

A essa identidade adicionamos, retiramos e modificamos elementos ao longo da vida devido a vários motivos, estando entre eles, o encontro com outras identidades que se influenciam mutuamente. Tais identidades formadas por seus valores, conceitos, imagens, são vistas por nós, que temos por nossa vez, valores, conceitos e imagens também muito particulares, de maneira diferente daquela ao qual os outros ~~se~~ veem a si. E é assim, modificando e sendo modificada que as nossas ideias, formadas por ~~seus~~ uma extensa colcha de retalhos "iconográficos", é que modificamos a realidade, que nada mais é que a projeção que fazemos sobre ela, através de nossas próprias ~~interpretações~~ interpretações, ou imagens.

A REPRESENTAÇÃO DOS FATOS

Produto da necessidade de sobrevivência, a linguagem proporcionou ao homem uma condição primordial para que compreendesse a natureza, seus perigos e seus benefícios, para que, num grupo gregário pudesse compartilhar uma interpretação comum que beneficiasse a todos. Surge daí a representação da natureza por inúmeras formas, que tornou-se a base para as ações humanas nos mais diversos campos: na manipulação do meio ambiente, na religião; ou até que explicava o desconhecido, na concepção da moralidade.

As imagens que o ser humano criou da natureza são, neste modo, um reflexo dele próprio. Ao conceber a representação do que ocorria à sua volta, delineou assim sua trajetória no mundo, como alguém que observa seu reflexo para reinterpretá-lo e adaptá-lo a si mesmo.

Com o desenvolvimento da linguagem e, concomitantemente, da organização social humana, a representação do mundo tomou formas mais complexas, mais aprimoradas, proporcionando nuances na sua interpretação e conduzindo a visões diferenciadas que hoje podem ser utilizadas na diversidade cultural, nas crenças e nas filosofias. De fato, o compartilhamento das imagens do mundo não levou o homem à unificação dessas imagens, mas à coexistência de visões diferentes, demonstrando o quanto diversa é a espécie humana.

Poder-se-ia perguntar se essas representações diferenciadas dos fatos não inviabilizariam a existência humana, se a torna paradoxal. É exatamente o contrário: a multiplicidade com que se enxergam os fatos, a natureza, a vida, conduz o homem à sua contínua reinvenção, para que possa se aprimorar e optar pelo que se sente mais favorável às suas necessidades.

É através desse dinâmico e contínuo fluxo de representação dos fatos que o homem torna-se mais apegado à natureza e a si mesmo. Pois criar e interpretar símbolos significam nada mais que criar e interpretar o próprio homem.

A imagem como seu próprio objeto

A construção de imagens de situações não é um fenômeno atual, mas uma forma de compreensão que adquiriu outras dimensões ao longo de seu emprego. A representação abrange de divindades a conceitos científicos, partindo do anseio humano de conferir maior concretude às suas idealizações. Na filosofia platônica, ~~esta~~ esta tangibilidade é toda construída pela percepção inexata dos sentidos, afirmando que ~~os~~ ~~homens~~ ~~lidam~~ ~~cotidianamente~~ ~~com~~ ~~estas~~ ~~representações~~ ~~do~~ ~~real~~. Muito desta linha de pensamento sem sustento em debates contemporâneos. Durante o século ~~XX~~ XIX, com avanços da ciência e tecnologia, os paradigmas do tangível e do concreto começam a serem postos em questão sob outras perspectivas.

A pintura do artista francês René Magritte é um exemplo contundente da pertinência de tais questionamentos. Seus quadros exploram ~~os~~ os absurdos da representação e a incongruência em ~~tomá-los~~ ~~fotos~~ ~~tomá-los~~ como fotos. A indistinção entre o simbólico e o real, entre o nome e o signo, e as situações impossíveis, porém concebíveis, mostram o quanto a representação substituiu o que se tem como realidade. Como Foucault pontua acerca do celebre quadro do cachimbo de Magritte, assume-se que aquela imagem ^{adquire} ~~assume~~ as proporções do real, como um objeto idealizado que vem a ser a forma de todos os cachimbos. A imagem denuncia como o banal pode vir a parecer absurdo, de modo que a frase "isto não é um cachimbo", negando que a representação tome o lugar do real, soe como um contra-senso.

Pode-se, portanto, afirmar que o valor dos símbolos contemporâneos vem como crise e não como equilíbrio. A representação extrapolou a significação do concreto e se assume como a realidade própria ^{há} ~~há~~ continuidade do real para a representação de maneira que se tornam quase insuscetíveis e indistinguíveis, como em Magritte.

A fantasia das marcas.

Impulsiona em filmes antigos como, por exemplo, Laranja Mecânica, embora o próprio seja hoje um símbolo, a ausência de logotipos em seu cenário e mesmo nas peças que compõem seu figurino, comparando com as filmagens atuais. Vivemos numa sociedade em que a marca das instituições, seja um clube de futebol ou uma rede de "fast food" passou a ter mais relevância do que a própria qualidade de seus produtos ou serviços. Uma observação, no entanto, pode ser feita nesse cenário: A imagem transcendeu seu papel de representação do real na sociedade contemporânea.

Instituições de ensino, no Brasil, espalham pelas ruas suas propagandas com imagens de pessoas atribuído à sua marca. Tal característica como se conceitos como prazer, felicidade e alegria fossem bens de consumo. A imagem de patis fação dos modelos fotográficos iludem cidadãos transformando-os em consumidores de bens, digamos, subjetivos. Para não nos restringirmos à educação, basta lembrarmos um famoso comercial de margarina que vende "qualidade de vida".

Quantas gigantes empresas não passam de um escritório que distribui a produção de seus produtos por países onde não fixam as leis trabalhistas? Enquanto trabalham o fortalecimento de suas marcas em grandes centros onde se localizam e concentram os lucros? Inúmeras. Não estarei comprando passaportes para rigorosos invernos que foram produzidos em países tropicais subtendidos. Não por acaso, existem, hoje, empresas que "cuidam" de marcas alheias desde crises na imprensa até lançamentos de novos produtos. No mercado o que se vende é imagem, o que se compra passou a ser uma questão de difícil resposta.

Em um de seus trabalhos Arnaldo Antunes diz que papel é o nome do papel e não o papel (nome não). A imagem que concebemos de um átomo é um modelo que os cientistas reconhecem as feições dessa representação. Não é de hoje que se conhece os limites da imagem e da representação. Contudo, é na sociedade contemporânea que elas extrapolaram o objetivo de representar as coisas e passaram a ditar regras de mercado e, por tomarem posse de conceitos de estilo de vida, reprimiu, sobretudo, a parcela mais carente da população.

Imago

Desde a antiga contenda entre Platão e Aristóteles quanto à natureza benéfica ou maléfica da imagem, o homem ocidental está às voltas com essa questão. Assim como Pellegrini, o criador do mito da caverna concebia a imagem como uma perigosa mediadora entre os mundos ditas e a verdade. Seu discípulo, por sua vez, entendia a imagem como a mais alta forma de verdade entre os homens e, assim como Durand, acreditava no poder harmonizador da mímese. Na sociedade contemporânea, essa questão vem adquirindo novos contornos com a acelerada proliferação de mídias visuais (mediadoras) e o crescente fenômeno da idolatria "pop". Diante da paixão eufórica por ídolos que se conhecem através de imagens, uma série de questões relacionadas aos relacionamentos interpessoais vem à tona: até que ponto é possível conhecer alguém (e a si mesmo)? Quando se ama, o que se ama?

Em sua obra "A imagem do moral", o escritor argentino Adolfo Bioy Casares trata extensivamente essa questão filosófica de maneira que diga apaixonado pela imagem, viva e em movimento, de uma mulher que nunca conheceu, o protagonista pergunta-se pela natureza do objeto amado e preferiu idolatrar uma imagem por toda a eternidade e viver relacionadamente com o vultoso. O objetivo de "O Espelho", de Machado de Assis, não pode ser outro. Depois de perder o seu espelho, no espelho, perde o seu próprio identidade e passa a viver num limbo empalmeado. Em resposta ao "meu" machadiano, podemos pensar que em personagens que, depois de conhecerem muito nos espelhos, encontram uma imagem fiel de si: o de um menino-menino.

De todos estes exemplos literários se desprende que o Rmo da representação (em metáfora, portanto) está fundamentalmente relacionado aos espíritos estético, como Aristóteles o descreveu. O se-choço à mímese está relacionado a um espírito mais científico e poético, nome do República de Platão. No sociedade de nossos dias, em que o prazer é monopolizado para fins econômicos e políticos, esses dois espíritos se entrelaçam e sobrevivem o problema. Mas que discutir a natureza das imagens no mundo contemporâneo (e o que delimitadamente pelo postulado de Pellegrini ou Durand) não pode distinguir em que situações de seres ocidentais ou subit.

Baile de máscaras

"Mad Mum" é um seriado anti-comunismo sobre a década de 1960, período de apogeu do "American way of life", os nostálgicos anos dourados dos Estados Unidos. O protagonista é um publicitário que cria um mundo de sonhos para vender coisas à massa: Dom Draper ^{passa} ~~cria~~ a imagem de sucesso e de felicidade, mas a realidade deste homem não condiz com a fachada que ele luta para manter. Todos pedem se identificar com tal dualismo. ~~Definitivamente não~~ ~~isso~~ ~~sim~~, somos convidados a participar de um baile de máscaras de qual é difícil sair.

Somos educados desde a infância para não revelarmos nossa essência, pedindo, assim, mal-entendido - nos na sociedade. A individualidade é superficialmente admirada, ~~passa~~ ~~passa~~ ~~a~~, ~~se~~ ~~condenada~~ quando deturpada com um pouco mais contrariada. Aquelas que insistem em antagonizar as repressões hostilizadas. Taxa que haja aceitação entre os indivíduos é necessária uma identificação e o homem, por ser um animal social, busca a aproximação daqueles com quem convive. Assim, escolhe um molde da personalidade para ~~que~~ ~~este~~ ~~seja~~ e a construção da imagem mais apropriada. A aparência se superpõe à realidade, que é mimetizada e desvalorizada.

Cada pessoa possui diversas máscaras, que variam de acordo com o ambiente e a situação. As mudanças de imagem devem se adequar ao meio ambiente. São feitos ajustes de idéias, atitudes e de aparência física para que nos harmonizemos com nossos colegas, familiares e amigos. São tantas as imagens que devemos sustentar que, frequentemente, ocorrem conflitos entre elas. Além disso, ~~o~~ ~~plano~~ ~~o~~ esforço para sustentar a aparência ~~incorre~~ e amada, ceteros aspectos da personalidade. Sofremos por não conseguirmos nos adequar às expectativas ~~sendo~~ ~~que~~ ~~algumas~~ ~~de~~ ~~um~~ ~~mundo~~ cada vez mais competitivo e injusto. Não podemos sequer demonstrar fracasso ou insucesso para não sermos classificados como perdidos. Ainda que, intencionalmente, estijamos um bomfecho, e nesse esforço sustentar uma fachada bela e feliz.

Na construção da identidade, ~~deturpada~~ ~~repressões~~ ~~ceteros~~ ~~condenamos~~ ~~duem~~ ~~se~~ ~~mantidas~~. O caos se instaura poria caso cada um fizesse apenas o que desejasse. Ainda há uma pedem parente que, apesar de impopular, sustenta a sociedade. Como somos membros dela, somos obrigados a fazer concessões e a, frequentemente, deixar que a realidade sucumba, e é uma questão de sobrevivência social. A imagem não deve, no entanto, se transformar em algo que deve ser mantido a qualquer preço. É importante que, por trás das máscaras e de máscaras carnalísticas, haja um rosto, um ser humano palpável. Mesmo que não nos seja permitido mostrar aos outros aquilo que os espelhos escondem, devemos cultivar essa essência. Quando caem as máscaras, ela é tudo que nos resta, e é com ela que convivemos durante toda a nossa vida. ~~Podemos~~ ~~se~~ ~~flexibilizar~~ ~~e~~ ~~harmonizar~~ ~~imagens~~ ~~e~~ ~~realidade~~ ~~sem~~ ~~grandes~~ ~~perdas~~. É uma tarefa árdua, mas possível e valiosa.

A realidade dos fatos e a verdade dos símbolos

Decifrar o real não é tarefa fácil, principalmente quando consideramos sua relação com algum critério de verdade.

Da matriz platônica, onde o real transcende o mundo e aristotélica, na qual os sentidos são mediadores dessa realidade, até a fenomenologia de Heidegger, Sartre, e Merleau-Ponty e o estruturalismo de Lacan, para quem o real é o desejo atravessado pelo simbólico, qualquer resposta sobre o mundo dos símbolos seria insuficiente, dada a complexidade do tema e o grande número de escolas filosóficas e da psicanálise que se alternaram historicamente pela hegemonia do conceito, como dizia Gramsci.

Considerando esses pressupostos, talvez as palavras de Santo Agostinho possam apontar um caminho. Dizia ele: "In interiori homini habitats veritas". Ora, se a verdade está no próprio homem, quem sabe não esteja faltando algo ao estruturalismo de Saussure, capaz de resistir ao excesso de significado e ao ceticismo da Escola de Frankfurt, em sua crítica à Modernidade, algo que não desconsidera a verdade psíquica do simbólico, mas que está repleto de intenção e história, suficiente o bastante para alcançar a realidade enquanto essência em sua dimensão fenomenológica.

Pensar o fato como imagem da realidade, é pensá-lo historicamente no contexto da Modernidade, mas insisto que a perspectiva fenomenológica é um belíssimo caminho.

Sets e teúdos da imagem

Construir imagem de uma pessoa, no âmbito não figurado, refere-se à representação visual de um indivíduo. Prática comum na idade moderna, as obras das famílias burguesas limitavam-se a pintar como seus integrantes se moviam fisicamente a sociedade. No entanto, a imagem de uma pessoa pode explicitar muito mais do que a aparência. O quadro "Os Amantes", de René Magritte, seria apenas mais uma representação de um casal se não fosse a peculiaridade de seus rostos estarem cobertos por um teúdo. Magritte leva o espectador a ficar surpreso sobre o caráter e a personalidade dos amantes, baseado no fato de ambos ostentarem suas identidades. A análise do quadro mostra o quão delicado e controverso pode ser a construção da imagem de uma pessoa.

O homem passou a utilizar as metáforas com o surgimento das artes na idade moderna. As pinturas, na época, eram apenas cópias da realidade, mas já relacionam a imagem do indivíduo ao seu "status" pois apenas as famílias mais abastadas conseguiam pagar pintores. Séculos mais tarde, o cinema selecionou a forma como a imagem de alguém é construída. Os pensadores passaram a fazer um enfoque psicológico. Seus anseios, angústias e desejos eram tão essenciais à representação quanto sua aparência, o que cria, muitas vezes, imagens controversas de um mesmo personagem.

Quem sabe utilizar bem muitas vezes atende ao cinema foi o diretor judeu Ingmar Bergman. No filme "Persona", a tagarela de uma atriz que se torna muda culpa-se com a de uma enfermeira disposta a ajudá-la. No decorrer do filme, o envolvimento afetivo, psicológico entre elas é tão intenso que não se consegue mais distinguir suas imagens, quem é a enfermeira e quem é a atriz. De final, ambos são retratados como diferentes "pessoas" de uma mesma pessoa. Na obra de Bergman, tem-se uma outra maneira de construir a imagem de um indivíduo, por meio da construção da "persona".

Jung, um dos discípulos de Sigmund Freud, definiu "persona" como a imagem criada por um indivíduo para se apresentar a sociedade, enquanto personalidade se refere ao que ele realmente é, desprovido de "máscaras sociais". O mesmo indivíduo pode apresentar múltiplas "personas" diferentes de sua personalidade. Por exemplo, para a sociedade, uma pessoa se apresenta como médico dedicado, para a família, como um pai otimista; entretanto sua personalidade pode ser egoísta e maliciosa. No mundo real, quando são criadas imagens de outros, muitas se baseiam em uma das "personas" que um indivíduo apresenta e a adotam, como sendo a real personalidade dele, mesmo que qual muitas se descrevem ao perceber que a imagem estabelecida não corresponde ao caráter da pessoa.

Portanto, seja nas artes, no cinema ou no mundo real, construir a imagem de um indivíduo é um mecanismo complexo, pois exige uma análise minuciosa do que se encontra além da representação. Pinturas e discursos criam construções muito mais do que a simples aparência física de uma pessoa. E assim como ocorre no quadro "Os Amantes" de Magritte, na realidade nunca se sabe o que pode ser entendido nos o fundo teúdo da imagem.

Fatos e simulação pela imagem

"Tudo é discurso", advertiu Ferdinand de Saussure, e temos que reconhecer-lo. Junto a imagem mais enganosa do sabonete que transforma você numa estrela de cinema até a notícia mais divina e evidente do último atentado terrorista no Oriente Médio, tudo é discurso. Mas o que diferencia, então, uma imagem falaciosa de outra de presença real? Os mecanismos de significação se utilizam de expedientes de recriação e falsamento do mundo dos fatos concretos?

Deparamo-nos com tais questionamentos por um discurso o valor que as imagens do curso podem assumir no imaginário e na subjetividade. As diversas representações que uma sociedade trabalha, diz-nos Freud, passam necessariamente pelo valor de prazer, da ordem e da satisfação, de "solução apaziguadora aos problemas", como confirma Gilbert Durand. As imagens, segundo os estudos do psicanalista austríaco, são uma das fontes mais poderosas de construção psicológica e de prazer. Daí a facilidade com que o olhar se deixa enganar por imagens publicitárias, daí se acreditar tanto nas proposições que as imagens do consumo engendram e vendem, daí os fatos serem passíveis das mais bizarras reinvenções, como a de ser uma estrela de cinema pelo simples fato de ~~seu~~ uso de um sabonete, desde que tal imagem promova a fantasia e o delírio do olhar.

A imagem falaciosa e o fato, nesse sentido, tendem a se confundir e a perder seus pontos de diferença no mundo contemporâneo, cada vez mais imerso nas densas malhas da comunicação social ~~em~~ onde impera a publicidade e o fetichismo, como ocorre ~~na~~ com a televisão, o cinema e a tão polêmica internet. É visível crítica, ainda que pessimista, que derivamos desse quadro. É a de uma sociedade tendendo à alienação de suas próprias escolhas, pois não ~~há~~ haveria mais animos ~~reais~~ reais a que se apoiar, num mundo pulverizado de fatos e coalhada de simulacros. O caminho mais imediato é então a vigilância pessoal e epistêmica, imperiosa de novos ritmos, de decodificação de mensagens visuais, que partam do indivíduo. O indivíduo que se engana pela beleza figurativa de um produto vendido precisa se realocar no mundo representativo

Narcisos do século ~~XX~~

O aumento da importância da imagem na vida humana tem ocorrido do a sobreposição do mundo imaginário ao mundo real. Gradativamente, o homem tem optado por priorizar o exterior ao interior. Isso é consequência de uma sociedade que exige a propagação e dinamização de padrões estéticos e sociais, que levarão o homem à descaracterização massificada.

A preocupação do homem quanto à sua figura existe há séculos. O mito de Narciso, que se apaixonou por seu reflexo na água e na busca por ele, morreu afogado, é um exemplo. Platão também discutia isso. Para ele, o amor imaginário, impossível de se realizar, é melhor, pois pode ser perfeito, ao passo que na realidade, nunca é. Mais tarde, com os poetas, a imagem novamente ganhou importância, dessa vez, com a idealização feminina. Foi com Maulia de Dirceu, por exemplo, com Tracema, de José de Alencar, em ambos os casos, tinham em mente a figura de uma mulher, por eles tão necessária.

No entanto, o aumento da importância da imagem na vida humana ocorreu principalmente a partir do século ~~XX~~. A preocupação com modelos externos se deu segundo um padrão surgido nos Estados Unidos pós 1ª Guerra Mundial, em que o "American Way of Life" era de se ter casa própria, carros e filhos, passou a ser a imagem da felicidade.

Hoje uma preocupação pode ser vista nos jovens, figurativizada na busca pela beleza. Podemos acompanhá-la nos milhares de fotos do Cubat que tem PhotoShop para tornar a pessoa perfeita, ou então, no aumento da procura por clínicas de estética e academias, além da grande demanda por produtos de beleza. Essa geração L'Oréal, fruto de uma sociedade capitalista que incentiva o consumo em larga escala, vai perdendo sua personalidade e individualidade na busca por ser uma Angelina Jolie ou um Brad Pitt, priorizando sempre a beleza externa em detrimento da interna.

Assim, podemos perceber que é da natureza de homem preocupar-se com sua imagem. No entanto, a preocupação doentia iniciada no século ~~XX~~ não pode se tornar obsessiva a ponto de dominar a juventude e espalhar-se por toda a raça humana, que um dia pode vir a ser um grande Narciso e matar-se em busca de sua imagem perfeita.

O "homo sentimental" e o mundo de imagens

A quase que omnipresença dos meios de comunicação na atualidade força inevitavelmente o contato com a imagem. Esse contato estabelece uma intimidade natural, de modo que, sendo a imagem uma abstração simbólica, a própria experiência se funde com o que se enxerga nela. Por exemplo: uma mulher com certos traços remete outra a uma string de novela, símbolo que, por sua vez, se comunica com um imaginável estado de forma e riqueza. Ao ver a primeira mulher, portanto, a segunda insere nela, por associação, um cume trivial. Considerando-se que os sujeitos em questão não se conhecem, o que se deu na verdade foi a fusão da visão de uma mulher com a imagem de uma mulher bem-sucedida.

Essa tendência de confundir o real com o que se imagina a partir dele tem se demonstrado um traço do homem ocidental. Escritores Nelson Rodrigues, não sem certa ironia, chegaram a aplicar o sujeito com essa característica de "homo sentimental", uma vez que cada muito facilmente ao sentimento proporcionado pela experiência (como a mulher que sentiu ciumes ao ver outra). A história comprova a recorrência desse traço: os inúmeros jovens europeus do século XIX que, inspirados pelo romantismo da época, morriam por amor confundiam as narrativas aprendidas por todo o texto com as que experimentaram em vida. Algo semelhante ocorre com o jovem contemporâneo que associa padrões disseminados pelos meios de comunicação e os projeta em sua vida. A diferença se faz pela enorme quantidade de variáveis que hoje ostentam uma significância consolidada pelos meios artísticos e midiáticos: o modo de se vestir, de falar, de fazer...

É mesmo os indivíduos mais marginalizados demonstram um comportamento análogo ao em questão, seja por força cultural ou por influência dos meios de comunicação. A personagem Maralva de Glória Teijepeter ilustra isso. Por mais excluída e alheia à interação social formal, Maralva escreve o rádio e o samba, a seu modo, em seu formato.

Não se pode dizer de forma breve se a presente invasão dos meios de comunicação e a confusão dos "homo sentimental" chegam a ser negativas ou imediativas. Tal reflexão alarçava a liberdade de expressão, o estar-no-mundo e outras noções complexas. Independentemente das conclusões que se possa chegar, não faz mal para o indivíduo buscar a capacidade de metabolizar a enxurrada de signos que o cerca diariamente.

Personas

Através da representação nos expomos ao mundo. Para isso, escolhe-se uma máscara, imagem de nós mesmos, que serve de intermediário entre o íntimo e o coletivo, o interno e o externo. Tendo emprestado o nome do teatro grego, o analista Jung denominou-a persona. Este é também o nome do filme de Bergman, no qual a atriz Elizabeth Vogler emudece para não mais representar papéis.

Vogler estava à deriva, flutuando entre a realidade e a ficção. Encontra, pois, no silêncio uma forma de legitimar sua identidade. Esta havia se tomado forma sem conteúdo no momento em que fora restringida a sua imagem.

Esse mecanismo de reduzir o todo à imagem caracteriza as reflexões típicas contemporâneas. Mas, uma vez que a recepção dos códigos se dá sobretudo imageticamente, pelas vias da TV e da internet, entende-se melhor a supervalorização da imagem.

A construção plástica de um indivíduo pede a criação de símbolos que o caracterizem. No entanto, representá-lo pode gerar uma dualidade entre o real e o artificial, como no roteiro de Bergman. Assim, a falta de identificação gera uma angústia existencial, observada facilmente na literatura dos países, com destaque para Kafka e Beckett.

Ademais, construir a imagem de uma pessoa muitas vezes significa construir sua idealização. Assim, seria exigido o processo inverso para atingir a essência: a desconstrução.

Como Vogler, nosso tempo precisa de um pouco mais de silêncio, para dissolver a máscara do rosto e limpar o pó depositado sobre ela.

Eternas Grilhões

A partir dos Grandes Navegadores, o Homem valeu-se do uso de simbologias e imagens para representar realidades longínquas, ciências microscópicas ou mesmo ideologias revolucionárias. Impulsionados pela invenção de Gutenberg, aquilo que se restringia a vitrais de catedrais góticas ou a raras iluminuras em manuscritos monásticos difundiu-se e tornou-se protagonista não só dos dias atuais, bem como ~~antes~~ arauto de ~~seu~~ desenvolvimento da humanidade.

O quadro "Grito de Independência", de Pedro Américo, mostra tal importância, pois documenta um marco na historicidade brasileira. Nesse mesmo aspecto, tantos outros quadros, símbolos, mais recentemente fotos e vídeos, incrementam e antelizam o desenrolar de épocas e imortalizam fatos. Neste modo, tornam-nos testemunha da história, interagindo, reavivando e preservando-a.

Contudo, essa construção exacerbada de honra distancia-nos do real. Reflexo sob o ponto de vista de quem pinta a situação, somos obrigados a olhar as perspectivas impostas como autênticos exemplares da Verdade. Eis o cerne dos mitos e ideais: interpretação mascarada de provas irrefutáveis; opiniões disfarçadas de fatos, glorificações escondidas em documentos históricos.

Assim, imbuídos de uma suposta elucidação acabamos como Hércules. Acreditamos que a Independência fora devesa um evento honroso, não fruto de um acor do entre pai e filho; que o Brasil é realmente Verde-Amarelo; que Sesen era ariano, ainda que carregasse a herança genética dos povos do Oriente Médio; que o mundo é realmente retangular e que a Geotônica é do tamanho da América do Sul; que os atores e atrizes de Hollywood são perfetos de quando acordam cite quem do dormem. Hoje, com o advento da internet, tal enganosa poluía tornou-se através do lixo virtual gerado diariamente.

Portanto, as imagens são geratrizes do real de mitificação e glorificação, seja matriz da alienação; instrumento na manipulação das massas. O contínuo do real, a experiência verdadeira não vai além do tangível, das vivências pessoais, da sapiência inerente e viva em cada um. Analogo a Sétades — cuja filosofia Maniáutica busca no interior de cada um a verdadeira essência — busquemos a nossa essência, a despeito do tamborilho de mentiras, ilustradas ou representações tendenciosas, as quais somente perpetuam a ignorância, o consumismo e a intolerância.

Imagem x Realidade

Com o claro propósito de persuadir, iludir, conquistar e manter uma dominação ideológica, são construídas diariamente imagens sobre pessoas, as quais nem sempre correspondem à realidade, mas que cumprem bem o seu papel: propagar uma ideia.

Nos noticiários de telejornais, são comuns as notícias sobre atuações de trabalhadores sem-terra, que definem sua causa como a luta por reforma agrária. Suas atuações envolvem ocupação de terras ditas improdutivas, por eles, o que é rotineiramente definido por jornalistas como "invasão de propriedade privada". Essa definição constrói intencionalmente (pelo uso da palavra "invasão") uma imagem de invasor da lei e bandido associada a esses trabalhadores. Tal imagem distorce de sentido e justificativa política essas ações dos sem-terra, o que contribui para que parte da sociedade não ~~os~~ compreenda esses trabalhadores, simbolizando-os como pessoas ruins no seu imaginário.

De maneira análoga, estamos atrelados a imagens positivas sobre pessoas famosas (chamadas "celebridades"). Revistas e programas de televisão, através de entrevistas e muitas vezes sob o pretexto de que conhecemos determinado ator ou atriz "na vida real", revelam sempre ações e gostos admiráveis dessas pessoas que acabam se tornando símbolos de bondade, sucesso, perfeição, ocorrendo uma idolatria de imagens de pessoas, que por vezes acreditamos ser reais, o que acaba se tornando decisivo para o sucesso de audiência dos programas de televisão (como novelas) às custas da crença que aquelas pessoas são de fato especiais.

Dessa forma, é possível afirmar que a construção de imagens sobre pessoas feita principalmente pelas instituições midiáticas, tem se revelado aprisionadoras e negativas para uma visão mais próxima da realidade. Apenas uma postura crítica sobre aquilo que é propagado é capaz de fazer com que possamos construir nossas próprias imagens, que, ao contrário daquelas que são impostas, não possuem interesses econômicos e ideológicos, mas apenas um: uma interpretação mais honesta das pessoas que nos cercam.

A luz no fim do túnel

Walter Benjamin, em "A obra de arte na época de sua reprodução técnica", mostra que a difusão em massa de imagens eliminou a autenticidade dos objetos artísticos. Deste modo, rompeu-se o equilíbrio entre a realidade e a crença na capacidade de a representação registrá-la fielmente. Este desequilíbrio, no entanto, não possui somente efeitos negativos. De fato, se a distância entre o real e a imagem abre espaço para a manipulação, também propicia uma visão crítica sobre os fatos.

É comum admitir que as imagens são capazes de retratar os fatos de maneira imparcial e objetiva. Existem, contudo, vários elementos que, no processo de elaboração da imagem, interferem no registro da realidade, tais como o ângulo de visão, a luz e o próprio observador. Isso significa que a representação não constitui uma reprodução da realidade, mas seleciona e, por assim dizer, edita os dados ou os fatos considerados relevantes.

Tal seleção é habitualmente manipulada pela propaganda política. O Estado nazista, por exemplo, convocou cineastas e fotógrafos para apresentarem uma versão épica das conquistas alemãs na Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, impediu a veiculação das imagens que documentavam o genocídio nos campos de concentração. Mais recentemente, os governos democráticos omitem, nas imagens publicitárias, a miséria e a desigualdade das diversas realidades nacionais.

Em contraste com o uso manipulado da representação, há também a exploração crítica da diferença entre realidade e imagem. Pablo Picasso, em "Guernica", não pretendeu reproduzir o ataque aéreo a uma cidade espanhola. Na verdade, picturou os fragmentos mais chocantes desse fato a fim de intensificar a percepção dos horrores da guerra e os exames de consciência no mundo contemporâneo.

Apartado da realidade, a imagem não registra fatos, mas os constitui. Ela pode, assim, obscurecer a percepção da realidade, produzindo alienação e conformismo, passividade aos estereótipos. Mas pode também exercer uma função crítica, focalizando os aspectos mais tenebrosos do presente para transformá-lo. A imagem, então, pode tornar-se uma luz no fim do túnel.

IMAGENS: SÍNTESE DE FATOS

Com o dinamismo dos acontecimentos e o enorme fluxo de informações a que estamos submetidos atualmente, tornou-se comum a construção de imagens sobre fatos ocorridos, de forma a sintetizar simbolicamente acontecimentos das mais diversas naturezas e complexidades existentes.

Essa forma representativa, mesmo que de forma inconsciente, influi decisivamente em nosso cotidiano, substituindo o real imediato e seu percurso fático por imagens pontuais que permitem a assimilação dos fatos de maneira simbólica. Tal assimilação atua ~~na~~ no sentido de simplificar a compreensão e facilitar o estabelecimento de relações entre diversos fatos. Possibilita, também, a dinamização da comunicação, pois muitas imagens, exaustivamente recitadas pela mídia, tornam-se presentes no imaginário coletivo.

Porém, apesar da existência de imagens comuns a uma coletividade, cada indivíduo modela a sua própria, inserindo concepções e princípios por meio de um raciocínio intimamente ligado à compreensão de um determinado fato e sua respectiva imagem representativa. Ao mesmo tempo que novos fatos são convertidos em imagens, estas se relacionam com as antigas, alterando-as e sendo alteradas. Conhece-se, desta forma, um complexo ~~imaginário~~ que permite o acesso rápido, consciente, a relações estabelecidas e armazenadas sob a forma de imagens em nosso cérebro. Esse "banco de dados" simbólico ~~possibilita~~ possibilita a transmissão de informações (seja em massa ou individual) com extrema velocidade, maior do que seria o processamento dos fatos sem a construção de imagens sintéticas. A repetição de fatos de natureza semelhante contribui para, de certa forma, uma representação unificada de certas categorias de acontecimentos, resultando na substituição da realidade factual pela representatividade simbólica.

Fatos são, portanto, continuamente sintetizados em imagens, simultaneamente simplificando e ampliando o leque de significados possíveis. Assim, as imagens atuam com extrema importância em nossa interpretação dos acontecimentos e comunicação interpessoal.

Um mundo por imagens: somente umas mil palavras

A constituição de imagens simbólicas para representação de situações é, atualmente, recurso imprescindível tanto a veículos de comunicação como em nossas relações interpessoais do cotidiano. Tornou-se comum encontrarmos no editorial de revistas, como o "The Economist" por exemplo, uma citação gráfica, espécie de arte simplesmente produzida para elucidar a ideia contida em todo o texto.

Também em nossas conversas do dia-a-dia, onde se poderia supor que outros recursos discursivos seriam preponderantes, esforçamo-nos por aludir a alguma representação simbólica, alguma imagem cênica que sintetize toda a situação. É mais rápido, sem dúvida. Mas pode ser uma consequência nefasta à cultura: temamos falta de tempo para desenvolvermos a lógica do discurso e tirarmos proveito de seu caráter linguístico.

Embora nossas mentes estejam buscando melhor adaptação a um mundo mais complexo, muito mais veloz, cáctico, tal procedimento parece por demais sujeito às técnicas convenientes da propaganda. Corremos o risco de submissão às necessidades contemporâneas de consumo desenfreado e consequente descarte de ideias, temas e situações vividas sem o menor critério. Sabemos muito bem o quanto somos suscetíveis às imagens, o quanto fazemos acender as sensações e emoções, mesmo sem palavras. O problema é que as representações imagéticas podem provocar nossas paixões sem o nobre ônus da elaboração, da dedução, da tese e antítese que o discurso exige. Pode-se, desta forma, criar e recriar situações sem comprometimento ideológico, deixando ao interlocutor esta responsabilidade.

Sim, é indubitável o quanto podemos ver todo o mundo da nossa "janela", seja através de programas de canal de TV a cabo ou da internet. A recreação de situações em computadores, filmes ou TV nos permite absorver sem vivenciar a realidade. A realidade virtual em alguns jogos eletrônicos vai além, produzindo sensações "reais" a partir de imagens. A esse apelo silencioso da imagem, característico de nosso tempo, devemos nos precaver. Há muito mais, além do que os olhos podem ver.

Imagem: a realidade invertida

Como qualquer outra imagem, a imagem institucional é de grande importância ao ser humano, pois contribui para que ele encontre um fim, um bem, auxiliando na formação de valores, formando, assim, uma sociedade equilibrada. Em 1999, o filme *Matrix* surgiu para questionar todos os valores institucionais alegando que a sociedade está sendo usada como ferramenta de manipulação de massas, impedindo a sociedade de ver a realidade política, econômica e social.

De fato, são os elementos institucionais, sem a criação que ^{temos} ~~encomenda~~ dela, a ~~sua~~ sociedade não tem instituições, viver-se-ia ~~em~~ ^{em} emergência. Mas, por outro enfoque: estaria a ideologia do filme *Matrix* correta? Estivemos vivendo em um mundo de imagens falsas? E se estivermos, seria certo não termos acesso à verdade?

Em primeiro lugar, o Estado (a instituição maior), a imagem representativa do legislativo, do governo e sobretudo, do controle do povo, que ~~tem~~ ^{tem} ~~o~~ ^o ~~dever~~ ^{dever} de ~~prezar~~ ^{prezar} pelo bem estar social, na verdade é ferramenta de manipulação, sendo pelo ~~benefício~~ ^{benefício} para a elite e o capital (^{propriedade} privada). Para isto baseia-se na lei, no judiciário e no político. A religião, outra grande instituição social, também é um fator de manipulação; baseada na fé (imagem), conduz a população ao conformismo e também, à alienação. A família, visto por muitos, como a base social, como toda instituição, também é uma ferramenta de, por via de imagem, manipular o indivíduo e afastá-lo da realidade; com seus valores patriarcalistas, conservadores e preconceituosos delimita o que é a imagem correta das relações sociais. Todas estas instituições têm em comum a imagem do bem, do equilíbrio, mas assim, possuem a ideologia de domínio, de controle do mais forte sobre o mais fraco.

Em segundo lugar, vale lembrar que, a sociedade, em geral, não sabe que todos os valores e suas imagens são falsas e tendenciosas, por isso não conseguem "libertar-se desta desta liberdade" que aprisiona e o direcionam a um fim delimitado pelo classe dominante. "Imundo real oculto e stivo de outros", do lei, de amplexos, de valores relativos, para que não se mostre o fume, o viciado e a loucura capitalista humana.

Por tais razões, percebe-se que a formação das imagens institucionais é falsa. Pretendo do propósito de que todos todos ser humano tem o direito a verdade, se faz necessário que as instituições, criadas pelo próprio sociedade, em vez de aprisionar o indivíduo de um jogo de interesses, liberte a constituição as imagens reais do mundo.

01 Simbolizar o passado, destruir o presente

02 A representação da realidade por meio de imagens constituiu um ele-
03 mento básico no estudo da história da humanidade. Usadas pelo homem
04 como forma de expressão desde a Pré-História, com as pinturas nas cavernas,
05 as imagens servem até hoje como fonte de pesquisa para que os histo-
06 riadores reunam mais informações à respeito da realidade de cada período
07 vivido pelo ser humano. Entretanto, no decorrer dos séculos, a representação
08 de fatos por meio de imagens também foi utilizada como forma de distorcer
09 situações reais, fazendo com que essas situações fizessem subscrever por uma
10 atmosfera de heroísmo que nem sempre condiz com a realidade.

11 Um exemplo dessa distorção a que os fatos são submetidos é a pintura de
12 Pedro Américo que representa o grito do Espinanga. Nela, o grito de independên-
13 cia é mostrado como fundamental para a libertação do Brasil, além de
14 simbolizar um ato de bravura de D. Pedro I. Porém, na atualidade, essa versão
15 idealizada já é contestada, mostrando que a independência significou apenas
16 a conclusão de um processo de abertura iniciado em 1808, com a chegada da
17 família real e a abertura dos portos aos países amigos. Apesar disso, muitos
18 brasileiros possuem na pintura de Pedro Américo a única versão da nossa
19 independência.

20 A criação de uma figura heroica, que representa simbolicamente deter-
21 minados ideais já esteve presente na história do Brasil em outras situações.
22 A pintura da morte de Tiradentes foi utilizada para representar as ideias
23 republicanas no século XIX, transformando-o em um mártir. Já a figura
24 do bandeirante do período colonial foi respeitada e restaurada pelos pau-
25 listas durante a Revolução Constitucionalista de 1932, com a intenção de exaltar
26 o passado de São Paulo e utilizá-lo como forma de incentivar uma
27 emancipação.

28 Precisa-se, portanto, que a criação de imagens que representem fatos históricos
29 pode ser utilizada com intenções ideológicas e políticas. Lembrar, nem sempre,
30 fundamental a busca pelas verdadeiras versões dos fatos, que podem até ser
31 menos recheadas de exaltação e heroísmo, mas são, sem dúvida, as úni-
32 cas capazes de reconstruir um passado livre de falsas vitórias e nos pro-
33 porcionar alguma chance de corrigir os erros de antes e construir um
34 novo presente.

Pessoas imaginárias

De acordo com as concepções psicanalíticas de Sigmund Freud, a interação entre pessoas depende, necessariamente, da figura de outro que é projetada na própria imaginação. São criadas, portanto, imagens associadas às características aprendidas e que relacionam-se com as expectativas pessoais do receptor. Essa associação entre realidade e imagem sustenta a exacerbada valorização da aparência e a superficialidade das relações.

Analisando a situação, infere-se que o mundo moderno capitalista transforma o produto em imagem e símbolo, de modo que um atributo pode ser comprado. Assim, ter o melhor carro, usar uma marca de roupa, e um tipo específico de shampoo, significa, na imaginação estimulada pelo meio publicitário, ser divertido, inteligente, moderno, bonito ou sofisticado. Conseqüentemente, a compulsão para manter uma aparência dentro dos critérios idealizados socialmente é resultado da tentativa de criar uma imagem daquilo que se gostaria de ser. E, desta forma, vive-se do consumo de produtos que modificam a aparência e aquilo que se projeta no

Sob outro aspecto, os relacionamentos sociais estabelecem-se dentro de aparências, e por isso ficam sujeitos a superficialidade. Isso porque as expectativas pessoais, correspondidas pelas imagens, não, em suma, embasadas nas expectativas sociais. Nesta forma, a projeção e a aparência conquistam o imaginário, que é formado de atributos artificiais. Na tentativa de não prestar a atenção projeção, concebida, esquivar-se de um relacionamento em que ficaram evidentes os atributos reais.

A troca de sentimento não, por conseguinte, nasce e usam a manter a aparência, e os relacionamentos não se concretizam no mundo real, apenas no imaginário. O subúrbio americano, retratado no filme "Beleza Americana", exemplifica a sociedade de aparências, na qual generaliza-se um sentimento de solidão e de cobrança social, que resultam em uma intolerância motivadora de um assassinato.

A partir do que foi apresentado, é possível concluir-se que as projeções no imaginário, imagens, não estimuladas pela publicidade capitalista. As imagens criadas sobre pessoas, por meio midiático, são valorizadas em detrimento do indivíduo real. E, na tentativa de manter as aparências, os relacionamentos restringem-se ao plano imaginário e levam o indivíduo a solidão social.

Da redução do olhar diante das imagens

De acordo com a Síria Luíntica, o mundo e suas representações constituem nada menos que a projeção daquilo que se vê em função da bagagem cultural própria do indivíduo. A partir disso, é possível concluir que uma imagem comum pode representar algo completamente diferente a uma pessoa do que representa a outra, e ainda assim não representarem a realidade em sua essência. Em um mundo cheio com as mais variadas imagens e concepções da realidade, a visão unilateral do ser humano pode acarretar discriminação e hierarquização ao passo que via imagens sobre pessoas.

Um quadro interessante do pintor Magritte exemplifica o raciocínio. No centro, a imagem de um cachimbo, e logo abaixo a legenda: "Isto não é um cachimbo". A imagem possui a forma exata e representa muito bem o que seria um cachimbo, contudo não o é. Ao observar, equivocadamente damos nomes que trata-se de um cachimbo. Do mesmo modo, comemos o perigo cediamente de trocar o real por sua representação simbólica. E quando se trata de pensar, tal ação cede lugar a uma postura equivocada e preconceituosa.

É possível avistar hoje a um profundo e contínuo processo de individualização na sociedade. A insegurança e a violência ocorrida nas ruas, peculiaridades dos grandes metrópoles, opressão e cidadãos, que passa a se sujeitar a um constante medo e preconceito dessa forma, criaram-se as imagens do "monstro do meio traficante", do "murino de rua ladrão", entre outros. Na obra "Capitães da Areia" de Jorge Amado, a sociedade, em sua visão preconceituosa e limitada, não conseguia enxergar um grupo de garotos socialmente desamparados e infelizes, mas apenas um bando perigoso de ladrões que transtornavam a ordem de sua vida. Esta crítica social se aplica hoje.

Colidimos e notoriamente nos sujeitamos a tal perspectiva limitada, fruto de uma opinião já formada. Tomamos uma postura preconceituosa ao não permitir nos surpreender com as pessoas, em seus diferentes modos de viver e de se expressar. Homossexuais, negros, muçulmanos, moradores de rua e leigos não são exatamente e podem ter nada em comum com as suas respectivas imagens, presentes em nossa mente.

Portanto, diante da atual estrutura social, uma educação do olhar é imprescindível. Contudo, para isso, é necessário nos livrarmos de qualquer conceito anteriormente lido como "belo" ou "real". As imagens que criamos sobre as pessoas devem ser deixadas para trás. Assim, apenas a redução do olhar possibilita vermos as pessoas em sua essência e realidade. Talvez aí esteja o intangível valor de se viver em sociedade: enxergar e respeitar as diferenças, apreciando as características essencialmente belas.

"Jose não é um cachimbo."

Em uma famosa tela, de Magritte observa-se um cachimbo desenhado, acompanhado da inscrição: "Jose não é um cachimbo." De fato, não é, mas apenas a sua representação. Demos nós que encucamos a imagem e ignoramos totalmente a assimilarmos ao objeto real, sem considerarmos que ambos não são iguais. Magritte sabia como o homem ignora a distinção entre a imagem e o real, e que essas imagens atribuem significados ao real. Instituições como o casamento, a Igreja e o Estado, por exemplo, dependem de seu simbolismo para perpetuarem-se. Porém, devemos saber distinguir entre o que são e o que representam.

No plano individual, o significado do casamento é indissociável de sua permanência na sociedade. Não é seu valor jurídico que o sustenta, ou leva noivas e noivos a multiplicarem milhões de reais por ano em vestidos, festas e bebs. O que motiva o casamento tradicional é a imagem atribuída a ele, de união de corpos. Não é, necessariamente, essa a imagem que melhor o caracteriza: o casamento pode ser idealizado no início, mas eventualmente as altas expectativas se frustram, como aconteceu com Bento Santiago no livro "Dom Casimiro".

No plano coletivo, as Igrejas são extremamente dependentes de seu valor simbólico. A existência de catedrais, mesquitas e sinagogas, assim como a de hierarquias entre padres, bispos e condeais; exige que os homens vejam nelas algo que ultrapassa o real. A fé e a religião tornam a Igreja não um simples local e uma hierarquia vazia, mas um poder. Este existe como consequência da religião, tanto assim que obras como o "Auto da Barca do Inferno" só tem valor moralizante em uma sociedade que acredite na Igreja Católica. Sem a imagem, a doutrina perde seu valor.

Outra instituição atrelada à imagem é o Estado. Da mesma forma que ocorre com a Igreja, o poder e a legitimidade do Estado emanam da crença. Seus funcionários deixam de ser pessoas e passam a representar o poder ao qual todos nós estamos submetidos. O juiz representa a lei, apesar de não a ser na realidade. É esse significado que impede Fabiano, de "Vidas Secas", de desafiá-lo e desafiar o Soldado Amarello. Apesar do evidente abuso de poder, Fabiano submete-se ao guarda, acreditando que submete-se diretamente ao Estado.

Essas três instituições mostram a dependência do valor simbólico para sua manutenção e credibilidade. Sem suas imagens, haveria um súbito desequilíbrio na sociedade, pois todos os poderes e ordens seriam questionados. Não é necessário desitui-las de toda sua significação, apenas (brevemente) encerrar, como Magritte, a diferença entre a imagem e o real. Assim não haverá idealização das instituições, o que abre espaço para questionamentos e evita casos como o de Fabiano, abusado pelo Soldado Amarello, ou Bento Santiago, frustrado na expectativa de tornar-se um só com Capitu, possibilitando críticas como no "Auto da Barca do Inferno", que diferenciava a Igreja de seus membros.

Conflito de Vidas

A atual globalização informática, caracterizada pelo intenso fluxo de dados, seja através da "internet" ou da televisão, seja por ~~out~~ mais de outros instrumentos, interage a realidade da forma de especificada. Um dos aspectos a ela atribuído é a da ~~superposição~~ ^{superposição} do real pela imaginação, podendo ser comparado, inclusive, com a personagem Dom Quixote, de Cervantes, o qual, impulsionado pelas obras de cavalaria que tanto lhe agradavam, passou a confundir a vida real com a ilusão proporcionada pelos livros - dessa forma, devido a maior gama de informações recebidas portados hoje, há uma frequência grande desse caso de alienação, visto o aumento uso dos meios de comunicação atuais e a forma como cada indivíduo interage com eles.

A "internet", por exemplo, é a grande protagonista dessa situação que parece não ter limites. O número de usuários e as horas de navegação utilizados por eles crescem constantemente, de forma a tomar uma maior ~~parte~~ ^{parte} da vida dos internautas. Assim, é comum encontrar pessoas que se identificam e se dedicam a personagens por elas criadas, principalmente, em jogos, pois conseguem, por meio desses, ser quem desejam ser e exceder aquilo que não poderiam ser.

As consequências desse envolvimento virtual estão na forma como as vítimas dessa alienação buscam-se na sociedade real, já que neste, dificilmente conseguem saltar difíceis e características antes devidos pelo computador. As crianças são os mais vulneráveis a esses casos. Aquelas que apresentam problemas de relacionamento na escola e se mantêm excluídas dos demais procuram os jogos, os livros e a imaginação para poder apaziguar as adversidades que lhes ocorrem.

Mas não são as crianças, como também os adultos são vítimas desse fato. Muitos indivíduos buscam no mundo ilusório uma maneira para atenuar uma frustração amorosa ou buscar algo que os resgata da sociedade por eles vivida. O famoso jogo, "Second Life", é um exemplo desse mais imaginário onde os usuários buscam-se da vida real - Tal interatividade, no entanto, atua como um fator negativo no modo como cada um vive a própria vida; isto porque passam a ter ~~uma~~ ^{uma} maneira dos desafios por ela proporcionada, acostumando-se, portanto, ao mundo onde tudo acontece como o desejado.

Atribui-se, assim, o aumento da globalização como ^{um dos} fatores responsáveis pela situação da mistura do real com o ilusório. A alienação premida aos indivíduos que ocorrem nesse mundo da imaginação serve, para alguns, com o fuga os difíceis casos da vida. No entanto, diferente do obra de Cervantes, não é sempre que há um Sancha para mestre o caminho da realidade para Dom Quixote ocasionando; dessa forma, ~~em~~ na perpetuação dos problemas que muitos tentam entender, pois evitam combatê-los quando preferem saltá-los no mundo virtual.

A desconstrução de simulacro

Nos anos 70 do século passado, o pensamento francês viu o amadurecimento de uma geração que incluiu gigantes como Lyotard, Foucault e Derrida. Foi essa geração quem chamou a atenção para o modo como se tem acesso ao real, para o modo como se constrói esse real. Eles diziam que o acesso ao fato é linguístico e, portanto, nunca é direto, é sempre mediado.

Essa mediação impede o acesso ao real, sendo ele reduzido constantemente a uma imagem, ou seja, a uma percepção do fato. Um exemplo clássico das consequências dessa distância entre o que é e o que se percebe é a guerra do Golfo, percebida como um jogo de videogame, sem que fossem contabilizados as tragédias sofridas pelos habitantes do Iraque e do Kuwait.

Os filósofos franceses chamavam a atenção, utilizando conceitos como "simulacro", "microscópio" e "desconstrução", para o fato de que se precisa compreender os processos por meio dos quais são construídos os fatos, pois só assim poderemos criar uma consciência crítica. O recente crise econômica mostra que os governantes começam a compreender esse processo, já que faziam afirmações otimistas, como a famosa "morte em vida" do Juro, mesmo diante de dados desanimadores, quando não catastróficos.

O desafio que se coloca para a crítica neste primeiro decênio do século XXI é que a preocupação em esconder os processos de construção do real, as chamadas ideologias, é cada vez menor; não há preocupação em esconder que os fatos são essas imagens. A construção de conceitos que fazem operar uma razão crítica frente a tantas contradições performativas é, portanto, o novo processo pelo qual deve passar o pensamento ocidental.

"Fato ou opinião?"

Desde a criação da fotografia, tornou-se muito mais ^{comum} fazer confusões complexas, símel no interpretar das representações da realidade. Essa confusão acontece quando a imagem é tida como retrato fiel da realidade de um determinado instante; quando a representação é tomada como revelação sobre um fato. Este é um erro comum em ^{de} mais recentemente escritores da nossa época.

Um fato não pode ser reproduzido com todas as características necessárias para torná-lo verdadeiro, ele pode apenas ser simulado. A simulação a ^{través} de recursos tecnológicos, ou até mesmo a mais simples reprodução pressupõem uma interpretação particular, ou, melhor dizendo, um ponto de vista. Dessa forma é correto dizer que qualquer representação da realidade não pode ser vista senão como um "discurso".

Com o desenvolvimento tecnológico os meios de se construir tais discursos foram tornando-se cada vez mais convincentes. Recursos como o audiovisual por exemplo, hoje são capazes de disseminar pontos de vista sustentados pela falácia de que trata-se simplesmente da realidade "tal como ela é" (ou foi). Na nossa sociedade a linguagem é generalizada. A cada edição de telejornal minuciosamente produzidos repetem-se as tentativas de intrusão nos pontos de vista interessantes a outras pessoas que não o próprio telespectador. Multiplicam-se os telejornais, os monitores públicos que "no caminho do trabalho" nos fazem o favor de comunicar o último acontecimento de relevância inquestionável, já que "deu na tv".

A internet e os ferramentas elaborativas de construção do conhecimento devem ser valorizadas para que tenhamos noção da variedade de pontos de vista existentes e de se determinar acontecimentos. E acima de tudo, é fundamental ser-se posto em prática para que não corramos o risco de nos submetemos a determinados pontos de vista influenciados por interesses que muitas vezes não são considerados com o devido. Perguntemo-nos sempre: "Do que me discursos quer me convencer?".

A estrela e a poeira

A construção de imagens sobre pessoas teve seu início na remota arte rupestre. Com poucas cores, o arte das cavernas representava-se, demonstrando que, naquela época, a representação da figura humana tinha objetivos divergentes dos atuais.

Na civilização de hoje vê-se construído o império dos "sites" de relacionamento. Orkut, Facebook trazem dentro de si álbuns de fotos, nos quais são divulgadas imagens, muitas vezes alteradas por programas como o "Photoshop". Os usuários desses "sites" preocupam-se com a aparência que apresentarão em cada uma de suas imagens e tomam como referências de perfeição ícones criados pela mídia, tais como estrelas da música e do cinema.

No entanto, a construção de imagens sobre pessoas não se restringe ao âmbito da aparência física. A preocupação com a beleza acompanha sim o ser humano há séculos: Cleópatra ordenou que fossem destruídas todas as representações de Nefertite por esta ser mais bela que aquela. Mas Cleópatra não foi obedecida por ser bela ou não; foi obedecida por ter poder, por gerar na mente de seus súditos uma imagem de onipotência.

É sabido pela nação brasileira que a escolha do "marketing" é um ponto chave para a eleição de um candidato. Esse profissional é símbolo da transformação do "real imediato" em figura de admiração e aclamação populares. Tendo como base os valores mais apreciados pelos eleitores, as características morais e físicas às quais o candidato deve corresponder, o gênio do "marketing" esculpe o material e, muitas vezes, até pinta-o para obter o resultado que levará a campanha ao sucesso. Lembrando que, como disse Machado de Assis, a tinta não se apega ao lado de dentro.

Portanto, qual seria o fulcro da criação de imagens para pessoas? Qual seria o motivo para que se deposite poder em uma imagem? Certa vez, Gilbert Durand disse que "A imaginação simbólica é sempre um fator de equilíbrio. O símbolo é concebido como uma síntese equilibradora, por meio da qual a alma do indivíduo oferece soluções apaziguadoras aos problemas"; as referidas soluções apaziguam a realidade do flagelo humano — a impotência e a vulnerabilidade perante a natureza, a morte e os outros humanos — e a capacidade ilimitada pelo homem idealizada.

Assim, fica evidente o motivo de veneração de estrelas do cinema, da música, da política: suas imagens nos concedem a efêmera sensação de que a raça humana não é apenas poeira cósmica.

Sociedade de Imagens

EM uma sociedade mais conscientizada, as cobranças sociais são sempre maiores. Uma grande instituição, hoje, faz todo o possível para atenuar-se ao desenvolvimento sustentável e à ética, temas tão abordados pelo mundo atual. Tais imagens, porém, são apenas "obrigas" adotadas por uma grande parte das instituições, as quais escondem suas reais atitudes, ~~na~~ sua maioria, hipócritas.

Muitas empresas que defendem o desenvolvimento sustentável, nem ao menos utilizam papel reciclado. Há exemplos de instituições cujas propagandas mostram uma árvore plantada a cada tonelada de papel utilizado, porém, essa mesma instituição compactua com as queimadas das florestas. Inclusive nesse combustível, ~~o qual a Petrobras divulga mundialmente mostrando o Etanol, o qual o Governo divulga mundialmente mostrando-o como alternativa do Efeito Estufa com as queimadas na colheita da cana-de-açúcar.~~

Além disso, ~~na~~ em uma colheita da cana, os trabalhadores são, em sua maioria, ~~bóias-frias~~, demonstrando a verdadeira ética que a empresa possui para com o trabalhador. São, pois, milhares de instituições as quais oferecem ajuda a asilos e orfanatos para formar uma boa imagem perante o público consumidor, mas que atuam ~~na~~ na exploração do trabalhador.

Sem contar as instituições do meio científico, pois, como denuncia o filme "O Jardineiro Fiel", realizam suas pesquisas farmacêuticas em populações isoladas da África. Elas fornecem uma imagem eticamente correta nos países desenvolvidos mas atuam inscrupulosamente em locais miseráveis como em aldeias africanas. E instituições de cunho religioso, as quais pugnam o amor ao próximo, mas que muitas vezes exploram a fé de seus seguidores.

Muitas instituições, hoje, conseguem se manter devidas a imagem por elas criadas, porém, escondem da mídia e ~~da~~ conseguem manter da população suas atitudes moralmente incorretas. Formam assim uma sociedade de imagens, sobretudo mentirosas, criadas para iludir o público alvo, obtendo assim, ampla aceitação.

Vermiz social

"O poeta é um fingidor e finge tão completamente que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente". Ao escrever tais versos o poeta Fernando Pessoa coloca a humanidade no papel dos poetas. Estes, fingem os verdadeiros sentimentos para a construção de um poema, assim como os indivíduos exibem a verdadeira existência para a construção de uma imagem. Esta, funciona como um vermiz social e é essencial, desde que haja um equilíbrio entre o verdadeiro e o representado.

A complexidade das relações sociais torna fundamental tal a construção da imagem. Se todos os indivíduos fossem janelas abertas e deixassem transparecer toda existência, seria impossível conviver em sociedade. É necessário um filtro consciente para proteger exposições que ~~podem~~^{podem} fragilizar o ~~próprio~~^{próprio} indivíduo e aqueles que com ele convivem. Porém, a imagem deve ser uma síntese do ser, ou seja, uma consequência, para que seu sentido não seja esvaziado.

Aqueles que vivem para a construção do externo e não se preocupam com a satisfação do "eu" transformam-se, muitas vezes, em fantoches sociais. Alcançar méritos vivendo unicamente o reconhecimento destes, lança tal indivíduo a uma luxa inerte por mais títulos que, não necessariamente, condizem às suas verdadeiras reais. Daí a necessidade na busca de um equilíbrio entre a realidade existencial e o que é externo.

O questionamento daquilo que foi construído deve, pois, ser constante para que o filtro seja, de fato, consciente. A existência humana é mutável e a imagem deve acompanhar tais transformações. Assim, sua construção terá uma maior consciência para os atos realizados e veracidade para o que é ~~em~~^{em} posto, sem afetar a autenticidade de um poema.

O mundo como fato e representação

Durante toda a nossa vida construímos interpretações, imagens e representações dos fatos. Sigam fatos históricos ou cotidianos, a nossa "bagagem" cultural, moral e intelectual interfere em como formaremos um conceito sobre eles. Vale ressaltar, que tais conceitos podem influenciar a realidade da própria História; se para o "bem" ou para o "mal", depende de nossa moral.

Segundo Schopenhauer, a maneira como entendemos o mundo é individual e nunca saberemos como o "outro" o conhece. Sendo assim, toda ideia imaginária que formamos sobre o que é externo a nós, é única; e quando conhecemos, essa "imagem" também "morre" conosco. "Não existem fenômenos absolutos, mas interpretações morais dos fenômenos". De atender isso, Nietzsche tenta mostrar que o julgamento que fazemos com nossas representações dos fatos, devem ir além de um maniqueísmo simplório, para uma análise do "porquê" de os enxergarmos assim.

A interpretação dos fenômenos limita nosso "campo" de opções entre as possíveis opiniões ou atitudes que tomaremos em nossas vidas diante dos fatos. Daí, buscamos a realidade em prol da imagem que formamos dela. Basta lembrar que na Alemanha Nazista, o ato de matar ou não matar um judeu, ficou restrito à imagem formada do judeu pela propaganda nazista.

Com grande semelhança à propaganda de Goebbels, no que tange à manipulação das massas, temos a eleição do presidente Fernando Collor de Mello, que ilustra de forma clara, como a exploração da imagem pode até mudar a história de uma nação. A mídia televisiva em geral, mostrava um candidato elegante e confiável. De fato que o votou, o eleitorado enxolva não o candidato, e sim, sua imagem.

"Somos condenados a sermos livres" já dizia Sartre. Livres para agir, livres para escolher, livres para imaginar, formar imagem. Inclua a isso, nossas responsabilidades por nossos atos, pelo fato de sermos reais, pelas representações que fazemos de nós e pelas consequências que desencadearão. É razoável que no meio de tudo isso, o homem moderno não se sinta muito bem.

A imagem como representação e cultura

A percepção de mundo, intrinsecamente relacionada ao tempo e espaço, na sociedade "pós-moderna" mais do que nunca fundamenta-se na representação, na simulação do real pela reprodução imagética de mundo. A representação como percepção de realidade foi constituída no início da filosofia, faz-se causa presente da predominância imagética e consequência aparente a organização social e cultural acentuada na "sociedade do espetáculo", contemporâneas.

O despertar da racionalidade permitiu a humanidade perceber o espaço na representação do mesmo. A representação sempre existiu de forma natural e instintiva, mas a partir da organização da sociedade e da cultura, foi concebida de forma mais intensa pelo imagético. O "Mito da Caverna", apresentado por Platão, expressa a situação descrita uma vez que, os homens, ao verem as sombras na "caverna" não percebem nada mais que a representação das formas, as sombras são apenas simulação de mundo e não a realidade. Platão, assim, coloca para o mundo a presença de dois hemisférios: o mundo sensível, da representação e o mundo inteligível, da realidade, pura e ideal.

O conceito de representação é essencial para a análise de como o imagético tornou-se manifestado na "sociedade do espetáculo" apresentada por Guy Debord. A partir do desenvolvimento da terceira fase da Revolução Industrial a velocidade e quantidade de informações transformou o tempo e o espaço deslocando a percepção para um outro modo de relação social, baseada na reprodução de tendências, imediatismo nas relações humanas e representação de mundo. A "Indústria Cultural" analisada por Adorno, constitui um mosaico social pentido pela reprodução simbólica do mundo; como indústria a reprodução da cultura reflete na sociedade a valorização do instantâneo, do descartável e da substituição transformando a imagem; imediato, direto e objetivo; a linguagem predominante na percepção de mundo e no exercício ideológico de representação.

Portanto, a construção do mundo como imagem mostra-se natural quando a capacidade dos sentidos e involuntariedade dos instintos, apresenta-se como produto do mundo sensível de Platão, a representação, e é consequência das estruturas sociais, dimensões e amplificadas pela "Indústria Cultural" no espetáculo da sociedade.

de a realidade e os fatos como metáforas.

A relação do ser humano com o mundo não é direta, isso decorre da impossibilidade de se apreender a realidade de modo objetivo, uma vez que ela chega até nós como imagens, símbolos, ou seja, como interpretações. Na medida em que a realidade como "coisa em si", nos palavras de Nietzsche, nos é inatingível, o que cabe a nós questionar a ideia de fato como algo absoluto, pois os fatos nos são, também, inatingíveis cabendo a nós apenas interpretá-los.

As imagens que temos dos fatos são, na verdade, leituras que fazemos a partir de experiências acumuladas, de novas emoções, de novas visões de mundo, de ideias, valores, fatores lútos que interveem na perspectiva sob a qual interpretamos o fato. É por isso que a história não é definitiva, ela sempre se recicla de uma vez que as imagens, ou melhor, os símbolos que usamos para interpretar fatos consumados, se modificam de acordo com o próprio contexto histórico e de acordo com a ideologia da classe dominante.

Podemos dizer que os símbolos são a maneira de o homem interagir com o mundo que o cerca pois o homem, dotado de razão, ~~que~~ na medida em que toma consciência de si e busca de se individualizar, passa a apreender o mundo e, por extensão, os fatos como representação. É o que afirma Nietzsche em sua obra "Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral", na qual ele afirma que o mundo chega até nós como uma série de metáforas sendo que a primeira é o som (através do qual nos comunicamos, quando o fazemos verbalmente) ou a escrita e a segunda metáfora é a imagem que formamos para interpretar o que foi dito. Isso nos leva a questionar o conceito de verdade.

No contexto atual, marcado por tensões e conflitos em que ambos os lados defendem suas posições, vale destacar aqui a questão da flexibilidade e a complexidade dos fatos diante de diferentes perspectivas, gerando interpretações distintas, o que põe em xeque o conceito de verdade e constitui um grande desafio na resolução dos conflitos, notadamente os atuais.

É, pois, cada vez mais imprescindível a consciência de que os fatos não existem, mas sim interpretações, pois isso é pré-requisito para que aprendamos a lidar com esse mundo que nos cerca e que chega a nós por meio de símbolos. Ao contrário, ~~atoma~~ estamos ainda mais suscetíveis a nos perder nesse labirinto de interpretações distintas, alimentando a ingenua crença na verdade, o que nos torna ~~atoma~~ inseguros em demasia de novas conclusões.

Imagem e Poder

Um assunto ao filme *Che* com Rodrigo Santoro deparar-se com o retrato da figura histórica de Ernesto Che Guevara, sem dúvida um dos maiores símbolos atuais de luta pela liberdade, imagem está diferente da de realidade de indivíduo amável e ansioso impiedoso. Valendo-se de uma petúcia análoga, Che matava todos aqueles contrários à milícia e ao regime socialista, independentemente de classe ou idade. Trata-se, sem dúvida, de uma conduta inadequada para o homem tido como símbolo da luta pela liberdade e protetor das classes baixas. A todo momento constroem-se imagens de pessoas que não são compatíveis ao verdadeiro ser.

A imagem heroica de Guevara foi criada para a Revolução Cubana. A fim de dar a luta sustentação ideológica, uma das táticas foi o endeuamento do guerrilheiro, justificando-se assim as mortes e a destruição causadas pela Revolução, desse modo Che tornou-se símbolo da luta pela liberdade na América.

As causas da fama de Che vão muito além do carisma natural do indivíduo. Semos bombardeados diariamente pelos meios de comunicação com idéias já preparadas, Che Guevara, como herói é uma delas, muitos latino-americanos sequer conhecem a história da Revolução Cubana, mas tem Guevara como herói. O desenvolvimento dos meios de comunicação tem produzido cada vez maior número de imagens idealizadas e maniqueístas de pessoas.

Acitar situações maniqueístas pode ser relacionado a um pensamento infantil, ingênuo sobre o mundo, quanto maior o senso crítico de um cidadão, melhor ele consegue distinguir a imagem do real. A falta de investimentos em educação de qualidade e, por consequência, a formação de um povo mais crítico, dão força as imagens pré-fabricadas sobre alguém veiculadas por meios de comunicação de massa.

É fato que o processo de criação de imagens tornou-se banalizado, cabe a nós cidadãos a busca por informações, de modo a evitar armazéns nos encantos da justificação de pessoas para a quem a criação de ídolos como Sadrantes, Che Guevara, Jean Paul Sartre ou, no caso atual, Luís Inácio Lula da Silva não atraem nenhum novo pensamento crítico e novo julgamento de caráter.

A simbolização alienante

O conjunto de imagens a que somos expostos, se não avaliadas, pensadas, refletidas resulta na formação de um modo ~~depois~~ ^{depois} distorcido de pensar o real, de relacionando ~~uma~~, por vezes, a uma prática alienada na vida diária.

O símbolo, a imagem quando refletidos, pensados, i, de acordo com Jung, um meio de chegarmos ao nosso "self", e também de conhecermos o outro, o mundo, as coisas. Depois que nos conhecemos melhor, tornamo-nos seres mais fortes, mais atentos, mais humanos, encarando a realidade objetivamente e subjetivamente. Para isso é necessário tempo e meios para aprendermos com os símbolos.

O século XXI poderia chamar-se "o século da imagem": elas vêm por meio de jornais impressos, televisivos, ~~em~~ panfletos, livros, etc., etc, vêm com um propósito determinado, bom ou mau. E nos últimos anos, tem-se visto que os meios de comunicação de massas utilizam as imagens, construídas com recursos como a palavra, como meio de alienação, e não de esclarecimento. Eles nos noticiam os fatos, constroem imagens e as transmitem rapidamente, e muitas, vezes, o cotidiano cidadão comum, por não dispor de tempo para avaliá-las, aceita os fatos tais como noticiados, "contados". E constrói-se uma visão única de mundo.

Exemplo marcante disso foram os atentados ao World Trade Center, em 2001, em que se noticiou a grande surpresa que isso representou para os americanos e seu presidente. Ora, de acordo com Michael Moore, em *Forenheit* # 9/11, os EUA e seus serviços de inteligência tinham como saber antecipadamente e tomar providências; ainda outro exemplo: as eleições vencidas por Bush, há alguns anos, só foi uma festa para parte do povo; para muitos foi motivo de vaia e protestos! E a grande mídia também noticiou e construiu uma imagem dos EUA como sendo "os salvadores do mundo", na "guerra contra o mal", por ocasião da guerra no Iraque, e boa parte do mundo ocidental acreditou nisso.

Estando em acesso a apenas o pensamento único, fica-se alienado, correndo o risco de perder a capacidade de "formar imagens mentais, de questionar a realidade, e por fim, de transformar o mundo num lugar melhor.

Olhos livres

O modo de produção econômica atual instituiu uma nova tendência no modo de vida da sociedade. Tal tendência é marcada pelo ritmo rápido e pelo intenso e acelerado fluxo de conhecimento e de informações que conduzi-ram o homem contemporâneo a viver entre o real e a representação do real.

Gradativamente, ~~o~~ os sentidos foram se atrofizando, as imagens tornaram-se virtuais, mas imediatas, os raciocínios sofisticados, mas mentes, os sons e paladares, condicionados, de modo a construir um verdadeiro mundo virtual. A globalização, fruto de triunfos capitalista, embora tenha contribuído para o intercâmbio da cultura e do conhecimento e o estreitamento das distâncias no mundo, estipulou uma velocidade no ritmo de vida que repercutiu na própria percepção de mundo e na relação que o homem tem com o mundo. É indiscutível que a evolução do modo produtivo tenha tornado a sociedade mais organizada, tenha permitido o avanço de conhecimento, no entanto é preciso alertar ao fato de que o ritmo frenético exigido para que absorvamos tamanho volume de conhecimento e de informação limitou o homem das suas capacidades de sentir, de ver e de saber do mundo. O mundo, ou melhor, a representação do mundo ~~foi~~ ~~está~~ é dada pela televisão, internet, os nauvíscios dados, bebendo-os de fácil-lão.

O desenvolvimento tecnológico colaborou para uma alienação e acomodação típicas da modernidade. Alienação, no sentido de que o homem ao dispor da mídia nos mais variados instrumentos de comunicação, passou a confiar os episódios às imagens construídas e veiculadas na imprensa, da televisão, da internet, da revista. Suprimiu-se, pois, a habilidade nacional de construir ~~uma~~ opinião e ser crítico próprio e ter com isso, o que é de fato cidadania, e conseguir por-léber o mundo com os próprios olhos; os olhos livres. Todavia a sobrevivência na selva atual exige que os olhos vejam e absorvam o máximo no menor tempo possível, acomodando o homem a recorrer ao mundo dado, as imagens do mundo. Apesar de se dispor de pronto e imediato, o homem não pode perder a disposição de conhecer o que o cerca por experiência e não por dados.

O desenvolvimento econômico e tecnológico permitiram um fluxo de informações e de conhecimento mais dinâmico, por outro lado exigiram do homem maior eficácia na absorção destes. Embora a modernidade coloque à disposição da sociedade o mundo nos ~~os~~ meios de comunicação e nos seus diversos veículos, o homem não pode perder o poder de ver ~~no~~ e com ~~os~~ olhos.

"A Nova Dimensão Imagética da Política"

O filósofo francês Guy Debord concebeu o famoso conceito da Sociedade do Espetáculo. Diante das novas tecnologias de comunicações, em especial cinema e televisão, o mundo assiste, a partir de meados da séc. XX, a mudanças culturais e políticas significativas. A emergência da imagem como elemento central corresponde, segundo Debord, numa nova forma com que o cidadão relaciona-se com o Estado. Na atual Sociedade do Espetáculo a ação política é um jogo de representações. Vale refletir sobre os impactos da espetacularização da política sobre as instituições.

A exploração das novas mídias pela Estado re-dimensiona o papel de eleitor e eleito. A exploração da imagem pela propaganda política esvazia o debate de projetos e estabelece uma espécie de cidadania mercadológica: escolhe-se um candidato, durante as eleições, tal qual se opta por determinado produto. A mercantilização da política e a esvaziamento da discussão programática são, talvez, traços mais evidentes da sociedade do espetáculo.

Outrossim, internet e televisão criam condições para maior controle popular sobre o Estado, viabilizando maior acesso à informação e promovendo canais de participação. Não se pode, portanto, atribuir a estetização da política com seus respectivos desdobramentos negativos ao avanço da tecnologia de comunicações, pura e simplesmente.

A sociedade do espetáculo não é inevitável, mas uma construção histórica. Superá-la significa promover e disseminar a capacidade de agregar sentido crítico à produção de imagens decorrentes da espetacularização midiática.

A dialética entre imagem e realidade da formação da instituição social

Uma visão possível para a análise do relacionamento entre a imagem-símbolo e a realidade imediata é o processo de formação e manutenção da instituição social, enquanto formadora de mecanismos, onde um modelo (a imagem-símbolo) influencia, através de mecanismos sociais, podendo influenciar, orientar e se sobrepor à realidade. Outro estudo pode-se perceber que, embora essencial, esse mecanismo de produção de símbolos sociais apresenta um lado perigoso.

Outro de tudo, devemos delimitar a já citada instituição social. Com base no estudo do sociólogo Émile Durkheim, uma instituição seria a série de regras e normas que a sociedade cria para se reproduzir. Assim, fabrica-se um padrão, um modelo de valores que serão aceitos e usados como norma social da instituição e que não necessariamente corresponde ao existente na realidade imediata. Esta é a imagem-símbolo, o resultado do equilíbrio dos diferentes padrões que compõem esse ente social.

Uma imagem-modelo passará a atuar e condicionar a realidade, criando um filtro social. Os membros dessa instituição estão agora sujeitos a uma força coercitiva, que atuará recompensando o que, na realidade imediata, cumprir com o modelo pretendido na imagem e punirá o que se desviar.

Com isso, chegamos a uma dualidade: esse mesmo mecanismo que permite a manutenção da sociedade pode acabar por torná-la imóvel, se a imagem-modelo produzida não for modificada. Para exemplificar podemos dizer, podemos utilizar um conceito cunhado pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss em "Estruturas elementares do parentesco" - o de que o processo de formação da cultura é resultado de atos de contato e do conflito entre a diversidade.

Assim sendo, uma imagem-padrão não estável, com tendência homogeneizadora seria danosa à manutenção da própria instituição. Logo, na análise da construção de imagens dentro da instituição social (e, por conseguinte, em outras instituições) devemos ter, necessariamente, o contraste, que resulta no reconhecimento pela diversidade e existência do ente social. O conflito entre o velho e a nova imagem, produzidas pelo real imediato é, ao que parece ser, não só comum como também essencial.

A face de um ideal

Depois da Revolução Cubana, o médico e guerrilheiro Ernesto "Che" Guevara fez retratos, durante sua luta pela instauração do regime socialista em repúblicas sul-americanas, numas das imagens que mais tarde se tornaria um ícone do socialismo e que sobreviveu muito além do resto que lhe deu origem. Mas por que cristaliza os ideais de um regime numa só face? E qual o poder de uma figura humana transformada em símbolo?

A resposta da primeira pergunta reside no fato de que o ser humano identifica-se mais com um rosto do que com um símbolo. No livro "Os mártires de Deus", o autor diz que um dos motivos que faz com que o cristianismo seja uma religião com milhões de seguidores é justamente a imagem do Cristo como um homem em aflição, espelhando os aflições dos fiéis. Em segundo plano, aquela imagem passa a traduzir e representar todo um doutrina e a identificar aquele grupo.

A resposta do segundo pergunta é consequência disto. A força de uma imagem humana sobre a sociedade reside no fato de que o representado torna-se um herói idealizado enquanto traduz os valores de sua luta. Salvo as devidas proporções, da mesma forma que os católicos aglomeram-se sob a imagem do Cristo crucificado, os esquerdistas imprimem e distribuem o retrato de Che como uma expressão social de seu grupo. É assim, em essência, unidos sob a imagem de seus líderes, influenciados e mudam a sociedade que os cerca.

Dessa forma, o indivíduo real e humano (Ernesto Guevara), em seu retrato, é, no cotidiano, suplantado pela imagem idealizado do Guerrilheiro Socialista (Che) como figura heroica e salvadora que luta contra o capitalismo opressor em prol do classe operária. Mas também é importante observar como essa representação pode condicionar ideais perigosos: basta lembrar do Alemanha unida sob a figura de Adolf Hitler e do deflato do anti-semitismo.

Percebemos, assim, como as imagens de pessoas influenciam o indivíduo e a sociedade como elementos de identificação e coesão de grupos sociais e o poder desses símbolos sobre o homem, e também como a figura deixa de retratar aquele indivíduo e, no dia-a-dia, passa a representar doutrinas, um ideal ou uma luta.

A imagem da mulher na sociedade

A mulher hoje é constantemente bombardeada por imagens que apostam para um ideal de beleza e comportamentos que ela deve atingir. As imagens, por serem muitas vezes encadeadas como verdades empíricas na sociedade contemporânea, têm um alto poder simbólico e, quando distantes da realidade, podem ter efeitos negativos. Acabam criando um modelo de mulher que dificilmente será alcançado por alguma.

Simone de Beauvoir, filósofa francesa, já dizia no início do século passado que "não se nasce mulher, torna-se mulher". Em outras palavras, o 'ser mulher' não se resume às suas características biológicas. É resultado de um comportamento socialmente construído que dita, em determinada época, como uma mulher deve agir. Nesse sentido, imagens acabam tendo uma enorme importância na construção desse ideal.

Agende mídia, por exemplo, veicula em seus comerciais e tele novelas uma imagem do que é atualmente considerado a mulher moderna. Ela é uma multifunção, que além de ter um emprego, administra o lar e é a principal responsável pelo cuidado dos filhos. Não obstante, precisa ter tempo para cuidar de si. Deve estar sempre bela, bem disposta e feliz. É uma representação da vida diária que é difícil de ser alcançada em um dia que tem apenas vinte e quatro horas.

Da mesma maneira, o ideal de beleza encontrado em propagandas impressas e, na maioria dos casos, difícil de ser atingido. A imagem da mulher é modificada com o uso de programas de computadores, como o Photoshop, que eliminam quaisquer imperfeições que ela possa ter. Cria-se um padrão artificial, a mulher é perfeita. Qualquer tentativa de chegar a esse ideal leva a mulher comum à frustração na certa.

Quando se trata de observar a mulher em uma imagem, deve-se, portanto, ter um olhar cauteloso. Grande parte das imagens que circulam na sociedade hoje criam um ideal que dificilmente corresponde à realidade. É preciso encará-las, assim, não como verdades, mas como meras representações. Representações estas que foram criadas por indivíduos que têm uma determinada visão de mundo, influenciada pelo contexto histórico e social em que vive.

Retrato simulado

No livro "Retrato de Lorian Gray", o escritor Oscar Wilde narra a história de um homem tão belo que, obcecado pela própria imagem, consegue não permitir que ela se degrade ao fazer com que um retrato se envelheça em vez do seu rosto. O retrato, entretanto, definhou à tal ponto que Gray não pôde mais observá-lo sem ~~se~~ desaperceber-se. Assim como a personagem de Wilde, as pessoas são obcecadas por suas imagens, tanto no que se refere ao físico quanto no que tange às impressões sociais que causam. Esse cuidado extremo com a imagem, não obstante, foi definidor e espurto do indivíduo.

Os seres humanos cultivam suas próprias imagens. O filósofo Jean Baudrillard, estudioso dos signos e da simulação, assegura que a sociedade humana é construída por inúmeros simulacros, ou seja, objetos ou conceitos que representam uma realidade ou uma ideia. Logo, muitas as pessoas procuram fazer de si mesmas simulacros de que acreditam ser a cidadania ideal e, por isso, vivem suas vidas constantemente preocupadas com as impressões que podem estar causando àquelas que as vêem.

Para cultivar a imagem idealizada, os homens empregam inúmeros recursos. Em se tratando de estética, utilizam não só cremes, maquiagens ou acrílicos, mas também tratamentos médicos que, além de caros, podem ser perigosos e dolorosos. Já no que se refere às impressões sociais, as pessoas frequentemente dissimulam ^{os} seus matrimônios e familiares, problemas financeiros e até mesmo defeitos físicos para manter as aparências.

Os pessoas, ainda assim, morrem. Ao morrer, uma pessoa terá despendido uma porção considerável de sua vida na construção de uma imagem, a qual de nada lhe servirá. O que restará dessa pessoa no mundo será apenas sua imagem guardada na memória de outros, um simulacro perfeito, como diria Baudrillard, que não mais representa nada. Logo, pode-se dizer que os homens desperdiçam parte de si mesmos em suas imagens. O cantor Michael Jackson, que viveu transformando sua imagem, é um exemplo extremo disso.

Os seres humanos empregam enormes quantidades de tempo, recursos e saúde para manterem suas imagens perante a sociedade. Contudo, toda esse empenho na criação de imagens ideais mostra-se vãs quando do morte do indivíduo, uma vez que não lhe garante uma vantagem real. Os homens, tal como Lorian Gray, deixam uma porção imensa de suas vidas truncada em um local escuro do espaço e do tempo para criar suas imagens, simulacros que, no fim, de nada servirão.

Escher, Platão e o real imaginário

O quadro "Relatividade", de Escher, mostra um mesmo ambiente, porém sob ângulos visuais diferentes, transmite a impressão de ser outro lugar. Em sociedade ocorre algo semelhante. Uma instituição quando idealizada apresenta certas características, todavia ao ser viabilizada, efetivamente, essa mesma instituição ganha novas constatações. É como girar o quadro de Escher: o projeto de algo apresenta uma imagem que pode e não ser a mesma quando tomar-se real.

A instituição da Igreja Católica, por exemplo, apresenta dogmas bonitos como a existência de um Deus único, onipotente e misericordioso. Criou-se essa imagem primordial de benevolência e total tolerância. Porém, em meados do século XVI, em vista da Reforma Protestante, uma vertente da Igreja, chamada Inquisição, foi posta em prática. Fogueiras aos hereges e cruelmente aos opositores da instituição foram os precitos reais vividos pela população. A imagem de compreensão e acolhimento foi substituída pela repressão e pela violência nada idealizadas.

O filósofo Platão tentou explicar por meio da Teoria das Ideias essa dualidade entre a imagem projetada e a real. Para ele, todas as formas existentes no mundo físico são reflexos das formas ideais, presentes somente no "mundo das ideias". Estas são perfeitas e as que temos atualmente são apenas reflexos, por isso, passíveis de imperfeição. Passando da Filosofia para o cotidiano, a formação de um Estado totalitário tenta misturar símbolos (imagens) com o concreto. Hitler prometia um Estado forte baseado em valores nacionalistas e amantes da pátria. Essa seria a imagem ideal, na qual muitos alemães acreditavam, porém, de fato, o que se teve foi um Estado xenófobo, racista, autoritário e violento, isto é, real e, como disse Platão, passível de (muitos) erros.

Assim como o símbolo para Gilbert Durand sublima em soluções apaziguadoras aos problemas, para Platão a ideia é a própria solução, e perfeição. Imaginável que as instituições sejam perfeitas em nosso imaginário, além disso, é assim que muitos preferem as ver: a Igreja Católica sem maculas, o nazismo sem violência. No entanto, essa é uma perspectiva utópica. De fato, a imagem não é o objeto real, é o seu reflexo o qual podemos moldar de acordo com nosso ponto de vista. Assim seguiu Escher com seu quadro multifacetado.

O grande legado de Platão

Um dos grandes paradoxos da pós-modernidade reside na dificuldade de re-tratarmos os fatos, sejam coletivos ou particulares, não obstante as possibilidades de análise e de retratações ofertadas pelo desenvolvimento dos últimos séculos. A sociologia e a psicologia, por exemplo, representam por retratar os fenômenos gerais e específicos, respectivamente, não caídas de contrariedades, ainda que muitas de suas construções façam parte da mesma da vocabalária popular, jisto é, já constam em modelos observados dos quais compreendemos a nossa realidade cotidianamente.

O filósofo Platão, responsável por elaborar um dos mais antigos sistemas epistemológicos de que se tem notícia, a "teoria dos ideios", cuja objetivo é explicar a forma como indivíduos e objeto-incluída os fatos-se relacionam, inicia o problema filosófico que perdura até hoje, qual seja, o da esponsidade que temos de apreender os fenômenos que nos rodeiam. Em uma pergunta, "o que a homem é capaz de conhecer?".

A resposta de Platão ao problema, que só viria a ser questionada pela filosofia pós-moderna, notadamente Nietzsche, grande opositor do sistema platônico, é que o conhecimento do "real", da "verdade", é possível por meio da reflexão, que supera as imperfeições do conhecimento obtido por meio da experiência (conhecimento sensível).

Atualmente, há uma relativa consenso sobre a impossibilidade de conhecermos os fatos em sua essência e, portanto, de os representarmos através de signos linguísticos sem distorcer esta os intérprete de realidade. Influem na modo como apreendemos os fatos o conjunto de ideios cultivados durante nossos vides, nossos ideologias, dispostos.

Rejeitada a ontologia platônica, permanece sem resposta a questão que obrigatoriamente responder. Talvez os paradoxos nunca cheguem a uma resposta única, mas permanece o legado positivo desse questionamento que atormentou gerações de filósofos: os fatos não são possíveis de apenas uma interpretação, vale dizer, ninguém e nem nenhuma instituição detém o monopólio da representação da "verdade", esta ser quinívica pelo qual tanto se mata e tanto se moveu. Trata-se de grande legado de Platão Platão, mesmo que de forma involuntária.

"Pixéis" não valem mais que verbos. É o contrário.

Uma década após a chegada de um novo milênio a gama de parafernália digital - internet, TV digital, celulares - atinge diariamente milhões de pessoas no mundo inteiro, expandindo-se cada vez mais e encurtando as distâncias entre culturas, permitindo que dados, fatos e informações sejam compartilhados em segundos.

Os meios de comunicação deflacionam-se em breves momentos iniciais em que o espectador em primeira mão a notícia que abalará os fatos, as empresas, o mundo. Não raro, tais informações surgem acompanhadas de imagens por turbadoras, normalmente dispensáveis à compreensão e assimilação de fatos.

No entanto, em um mundo extremamente visual, onde cada vez mais as pessoas têm menos tempo, o dito popular "uma imagem vale mais que mil palavras" parece consolidar-se, em detrimento da qualidade literária.

Omitir ou deturpar fatos e veicular imagens descontextualizadas já se mostrou - e ainda funciona muito bem na atualidade - uma das melhores formas de construir, restaurar ou destruir a imagem de pessoas, países e governos. Basta claro esse poder quando observam-se declarações públicas como a do ator ~~Robt~~ Robin Williams a respeito do Brasil ou a decisão judicial a respeito do garoto Sean Goldman. Na primeira, informações - deturpadas - sem imagens; na segunda, imagens sem informações.

Basta claro que a imagem complementa a informação, enriquece-a. É o contrário também é verdadeiro. Utilizar, porém, ambas fora do contexto é irresponsável, arrogante e covarde, causando a construção, muitas vezes deturpada, de personalidades de indivíduos, sociedades, países, provocando conflitos sem propósito, preconceitos estereótipos.

A construção da personalidade humana depende, entre muitos aspectos, do que o meio em que vive lhe oferece. Proporcionar informações exatas, visuais e auditivas imparciais e verdadeiras produzirá indivíduos críticos, coesos, seletivos. O trabalho é longo, mas trará efeitos benéficos a toda humanidade.

Barbie, Gandhi e os ímãs

Somos o prisioneiro ficção dos mitos de Platão. São mitos de cocorrilões destinados — nem sempre por vontade própria — a ver a validade histórica quando lidos biados pelo poder das imagens. Poucos são livres e embora dependentes de representações (pelas próprias exigências humanas) em consciência oculta dos freios e bandos produzidos pela sociedade contemporânea.

A cultura é realmente assustadora: a globalização permitiu o intercâmbio de passas e informações mas também, a hegemonia de míes de comunicação em massa que exercem influência e influência na vida dos homens. Por isso há mais conteúdos e diásporas: imagem de homens e mulheres como únicos ímãs de atração no mercado capitalista vendendo produtos associados à figura positiva de albedos. Thomas Hobbes preconiza: o homem é o lobo do homem. E é mesmo. Jogos, câmeras e outros mundos abrem compram o poder de empulsão, o fama de jogadores de futebol, a beleza estereotipada de modelos por míes de carros, botas e zarcos. Talas imagens que vintem mentes e ilusões, fustigam e induzem que não adquirim os valores que almejam.

Por isso há, a construção de imagens (uma necessidade humana). Calçada em princípios básicos de ética e moral ou na concepção individual maniqueísta do que é bom e/ou ruim, cocorrilões e livros piralam personalidades em quadros mentais cerca de imagens para os mais diversos indivíduos. Qual é a importância deste ato? Não, inclusive Freud que interpreta a todos psicologicamente, precisamos de modelos para embasar nossas atitudes e nos desvelarmos moral, física e profissionalmente. Lula, o novo "filho do Brasil", é símbolo de fé e para grande parte da população miserável e iludida do país. Para os ricos, Bill Gates, símbolo máximo do "self-made man" (homem que ascendeu socialmente por conta própria) é exemplo a ser seguido.

Somos diariamente perseguidos e iludidos por imagens que desempenham função reguladora. Cocorrilões pelas amarras de um capitalismo pujante que vende bem sucedidos de personalidades e pontos normalmente indistinguíveis. Somos criados de imagens bífidas. Livres, se conscientizarmos das forças humanas, quando de representações que nos fazem referência na busca pelo edificação da própria vida e personalidade. Somos, por fim, fadados a conviver em um mundo irredimível de figuras que podem contribuir ou não para o desenvolvimento da humanidade.

No mito, o pubescente faz mal. Que no mundo, eles possam viver e influenciar toda a sociedade na criação de imagens: Gandhis a serem imitados, sem a construção abusiva de Barbies, wards a formação de pessoas melhores.

01 Símbolos: imagens reais ou imaginárias?

02 Quantas vezes não vemos uma pequena imagem que nos remete a um
03 significado muito além do seu literal?

04 "Uma imagem fala mais do que mil palavras" e "não se deve julgar um livro
05 pela capa", nunca foram ditados tão atuais. Hoje, principalmente com a inter-
06 net, uma imagem pode girar o mundo praticamente em tempo real e quantas
07 conclusões não poderíamos tirar a partir dela? Mil palavras não bastariam pa-
08 ra desfazer os maus entendidos que poderiam surgir.

09 Outra imagem seria a que surge, por exemplo, quando conhecemos alguém;
10 provavelmente já estaremos procurando nela alguma característica em especial
11 e teremos que diferenciá-la de que ela é do que gostaríamos que fosse. Atribuir
12 significados a imagens "abstratas" pode desenvolver pré-conceitos e estereó-
13 tipos, como por exemplo ~~isso~~ remeter determinadas tatuagens a pessoas
14 de má índole, ou cortes de cabelo a determinadas tribos, arco-íris a
15 movimentos homossexuais, etc. Este tipo de comportamento, onde haverá
16 a imagem do "ser" e do "aparentar ser" ou "dever ser", além da "símbo-
17 lização" e "clarificação" de pensar pode destruir as personalidades, a
18 individualidade do ser, agrupando-o em alguma imagem ou símbolo
19 generalista.

20 A agilidade com que as informações chegam até nós, seja pela inter-
21 net, rádio, televisão, enfim, por qualquer mídia; as informações nos al-
22 cançam com muita facilidade e nesta comunicação, os símbolos podem
23 ser muito úteis, até mesmo como recurso comunicativo, desde que correta-
24 mente utilizados, ou seja, uma imagem falará por mil palavras, mas algu-
25 mas palavras deverão nos orientar para a correta interpretação da ima-
26 gem.

27 Seguindo dito, caímos na má utilização dos símbolos, na qual abando-
28 naremos sua função de simbolizar apenas, e vemos além, a uma interpre-
29 tação estereotipada do seu significado, atribuindo-lhe características que
30 nos farão "julgar um livro pela capa".

31 Enfim, mesmo com o imaginário, devemos nos ater ao "ser", às imagens
32 reais, ao literal. Temos uma janela aberta para o mundo, mas devemos
33 saber olhar através dela sem refletir apenas uma "imagem virtual" e sim
34 uma real.

Fatos: símbolos na memória

Permita-me dizer que os fatos não existem, estão fundados juntos a seus passados. O que nos resta são os símbolos, as imagens que transmitimos para nossa memória. Mesmo o fato sendo registrado, documentado, investigado e espaço reservado para ele em nossa memória é ~~zero~~ nada, o que quando nos dá uma interpretação do fato. Essa ideia está clara nos nossos estudos de História, o fato em si pouco importa, a releitura reside nas construções de quadros pelas imagens e símbolos do fato ocorrido.

Para melhor compreensão, desotemo um exemplo: O Quilombo de Palmares. Na época em que foi descoberto, a ideia que se tinha de uma organização de escravos, fugitivos e que permaneciam lutando por suas liberdades era inexistente. A simbologia que os símbolos assimilados pela sociedade pelo fato de existir Palmares era a de traição, ameaça à ordem, "mercedários" organizando como anti, eram símbolos negativos que representavam a existência do Quilombo. Hoje em dia a constatação que damos ao fato é outra; os quilombos hoje são representados pela resistência, liberdade, direitos igualitários, ou seja, representados por símbolos positivos.

Portanto, podemos pensar que os símbolos se alteram conforme o contexto e agora conforme aquele que olha o fato. Um bom exemplo para nossos dias é o caso Geane Battisti, bastante comentado nas mídias. Assim como disse Mino Carta, em edito-rial de Carta Capital dos ~~seis~~ últimos três meses, há aqueles desfavoráveis à entrada que entendem que Battisti foi um grande ~~ator~~ intelectual esquerdista e há aqueles que, sendo da direita ou da esquerda, concordam de que ele cometeu um ato de terrorismo e deve regressar à Itália para ser julgado como justiça. O caso é mais complicado, mas aqui serve de exemplificação: ~~o~~ Quanto aos símbolos podemos, que os desfavoráveis à entrada carregam do atestado ocorrido o símbolo da resistência da esquerda e da vitória da mesma, quanto aos outros, os símbolos que assimilaram ~~foram~~ foram o da ~~no~~ morte de inocentes, ~~terrorismo~~ terrorismo, guerra etc.

Os fatos não mudam, mas os símbolos sim e é por isso que se discute, ou pelo menos deveria se discutir, o que já se passou. ~~A~~ Aposando-me de uma frase de F. Nietzsche "Não existem fatos eternos, como não existem verdades absolutas". completo dizendo que o sentido que se atribui é aquele a quem lhe comete. Talvez o mundo real se faça pelo conflito dos símbolos que ele próprio gera.

A Imagem Pessoal

A civilização contemporânea se constitui de tal maneira que o processo de identificação entre os indivíduos se dá através da imagem. A Escola de Frankfurt, entre os quais estão os marxistas (Adorno) Adorno e Debord, nos revela como a busca da mercadoria e do capitalismo, através do poder sedutor que as mercadorias fetichizadas detém, são reguladores sociais e culturais, na medida em que a Indústria Cultural efetivamente determina as diretrizes das concepções de mundo individuais das massas.

Nossa hipermodernidade¹ pressupõe a renúncia da tradição, das gerações anteriores, a ausência de passado que não sob os olhos do presente; e um futuro técnico e não utópico. O presentismo nos encerra na efemeridade - consumimos e gozamos o momento, que é por definição circunstancial. Impulsos de desejo, uma vez que o desejo se constitui da negação do gozo, só nos resta o próprio gozo. Somos cooptados e seduzidos a consumir. Nisso nos victimamos e cada vez mais breve do sujeito desajuste nos encontramos. Somos feitos de caráter efêmero.

Nesse contexto, o da dependência, se encontram as imagens. Elas compõem o espetáculo². São responsáveis pela fetichização da mercadoria (não as consumimos, por seu valor de uso, mas pelo significado ideológico embutido através de construções imaginárias). A busca de "quem somos" se encontra hoje, portanto, atrelada à imagem, uma vez que nela projetamos nossas ideias. Mas ainda, a contemporaneidade nos permite a todos sermos produtores de imagens e espetacularizarmos a vida própria. As câmeras fotográficas "point-and-shoot" embutidas até em celulares, por exemplo, permitem e asseguram o registro "histórico" dos momentos vividos, suprimindo a necessidade (deusa) e assegurando a existência de um passado pessoal sólido e "real" (necessidade derivada da angústia gerada pelo Presentismo). As redes sociais virtuais, como o site "Orkut", nos permitem compor e expor um avatar imaginário que nos represente, maneira de reforçar a nós mesmas uma identidade pessoal.

Chegamos a tal ponto que um perfil^{perfil} de rede social virtual pode significar mais intimamente sobre alguém do que o convívio efetivo e diário com a mesma pessoa. ~~(Comitamos como imagens de pessoas durante todo o dia, seja no entretenimento (TV, cinema, etc))~~ Chegamos a tal ponto de efemeridade, que necessitamos de registros fotográficos para lembrarmos quem somos.

Não sei quanto a você, leitor. A mim, isso me entristece.

¹ Lyotard, Gilles. "Os tempos hipermodernos"; ² Debord, Guy. "A sociedade do espetáculo".

Uma Imagem Vale Mais Que Mil Palavras

Quando alguém é exposto a uma nova informação, 90% das vezes esse alguém vai criar uma imagem em sua mente sobre a informação. Isso porque, para as pessoas de visão normal, a imagem é a informação mais simples de ser interpretada e a mais fácil de se lembrar posteriormente. Algumas informações podem ser condensadas na forma de sons e sensações sintéticas, mas a maioria é rapidamente condensada em uma imagem.

É esse o motivo de tantas instituições investirem pesado na publicidade visual. Uma cor predominante, um símbolo predominante são o que realmente definem uma instituição. O cérebro humano costuma condensar e generalizar toda informação que recebe, para facilitar a compreensão. Por isso, ao invés de pregararem na mídia seus complexos de estrutura interna e funcionamento, preferem simplesmente vociferar, por trinta segundos, uma imagem simples, um símbolo associado a tudo o que é.

É claro que esses símbolos não são escolhidos ao acaso. Com os avanços da psicologia e da neurociência, é possível prever quais imagens desencadeiam uma determinada série de emoções - condensadas em imagens semelhantes - favoráveis à instituição e seus produtos. O vermelho e amarelo das grandes redes de "fast-food", por exemplo, estão associados ao apetite. A imagem guardada pelas consumidoras, portanto, desencadeia uma série de sensações associadas à fome.

Por isso hospitais brancos remetem à higiene e à limpeza impecável. Supermercados com tons frios e suaves fazem os compradores se sentirem bem no ambiente. Bancos onde os funcionários trabalham servindo trazem conforto e segurança. Mesmo uma pequena loja, onde tudo é organizado, limpo e arejado, faz com que o cliente se sinta bem e volte sempre. Funcionários sorridentes e com pessoas de mau-humor, além de não atraírem consumidores, os repelem.

Por mais que existam campanhas circulando pela mídia contra o julgamento pela aparência, isso não pode ser mudado. A primeira impressão que uma imagem forma no cérebro humano pode ser contornada pelo "super-ego" - a vontade consciente humana - mas mudá-la completamente é bastante difícil. Além de se preocupar com seu bom funcionamento interno e a satisfação daqueles a quem se serve, uma instituição deve estar atenta à sua imagem - do ambiente onde serve ao "design" dos anúncios.